

## 5

### Referências bibliográficas

ALANEN, R. A sociocultural approach. In: KALAJA, P.; BARCELOS, A. M. F. **Beliefs about SLA: New research approaches**. Dordrecht: Kluwer, 2003.

ALLWRIGHT, D. Why don't learners learn what teachers teach? – The interaction hypothesis. In: SINGLETON, D. M. & LITTLE, D. G. (Eds.) **Language learning in formal and informal contexts**, p. 3-18. Dublin: IRAAL, 1984.

ALVES, F. Tradução e conscientização: por uma abordagem psicolinguística com enfoque processual na formação de tradutores. In: **Revista Intercâmbio**, v. 6, p. 674-689, 1997a.

\_\_\_\_\_. A formação de tradutores a partir de uma abordagem cognitiva: reflexões de um projeto de ensino. In: **Revista TradTerm**, v. 4, n. 2, p. 19-40, 1997b.

\_\_\_\_\_. Unidades de tradução: o que são e como operá-las. In: PAGANO, A. et alli. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. 3 ed. p. 29-38. São Paulo: Contexto, 2006a.

\_\_\_\_\_. Um modelo didático do processo tradutório: a integração de estratégias de tradução. In: PAGANO, A. et alli. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006b. p. 113-128

ARROJO, R. O ensino da tradução e seus limites: por uma abordagem menos ilusória. In: **O signo desconstruído**. Implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas: Pontes, 1992. p. 99-105

\_\_\_\_\_. Desconstrução, psicanálise e o ensino de tradução. In: ARROJO, R. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.

\_\_\_\_\_. The ethics of translation. In: TENNENT, M. (Ed.) **Training for the new millenium: pedagogies for translating and interpreting**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

BAER, B. J.; KOBAYASHI, G. S. (Eds.) **Beyond the Ivory Tower**. American Translators Association Scholarly Monograph Series, v. XII. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

BAKER, M. **In Other Words**. London: Routledge, 1992.

BARCELOS, A. M. F. Researching beliefs about SLA: a critical review. In: KALAJA, P.; BARCELOS, A. M. F. **Beliefs about SLA: New research approaches**. Dordrecht: Kluwer, 2003.

\_\_\_\_\_. Students' experiences and beliefs in the language classroom: challenges and opportunities for reflective learning. In: GONÇALVES, G. R. (Org.) **New Challenges in Language and Literature**. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2009.

BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. V. (Orgs.) **Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

BASSO, E. A. Quando a crença faz a diferença. In: BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. (Orgs.) **Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

BLOCK, D. Learning by listening to language learners. *System* 25 (3), 1997. p. 347-360.

BOIKO, V. A T.; ZAMBERLAN, M. A. T. A perspectiva socioconstrutivista na psicologia e na educação: o brincar na pré-escola. In: **Psicologia em estudo**, Maringá, v.6, n. 1. 2001. p. 51-58.

BROWN, G. **Human Teaching for Human Learning: An Introduction to Confluent Education**. New York: Viking Press, 1971.

CADERNOS DE TRADUÇÃO, v. 1, nº 17, Santa Catarina: 2006.

DARÍN, L. C. M. O ensino da tradução em nível universitário: indagações e propostas. In: **Cadernos de Tradução**, v. 1, nº 3, Santa Catarina: 1998. p. 419-428.

DEWEY, J. **How we think**. Lexington, MA: D. C. Heath, 1933.

DUFVA, H. Beliefs in dialogue: a bakhtinian view. In: KALAJA, P.; BARCELOS, A. M. F. **Beliefs about SLA: New research approaches**. Dordrecht: Kluwer, 2003.

GARDNER, R. C. Attitudes and Motivation in Second Language Learning. In: REYNOLDS, A. G. (Ed.) **Bilingualism, multiculturalism, and second language learning: the McGill conference in honour of Wallace E. Lambert**. New Jersey, 1991. p. 43-63.

GONZÁLEZ DAVIES, M. **Multiple Voices in the Translation Classroom: Activities, Tasks and Projects**. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

HOLEC, H. The learner as manager: Managing learning or managing to learn? In WENDEN, A.; RUBIN, J. (Eds.). **Learner strategies in language learning**. London: Prentice Hall, 1987.

HOLLIDAY, A. **Appropriate Methodology and Social Context**. Cambridge: Cambridge UP, 1994.

HORWITZ, E. K. Using student beliefs about language learning and teaching in the foreign language methods course. **Foreign Language Annals**, 18(4), 1985. p. 333-340.

HOSENFELD, C. Evidence of emergent beliefs. In: KALAJA, P.; BARCELOS, A. M. F. **Beliefs about SLA: New research approaches**. Dordrecht: Kluwer, 2003.

JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation. In: MUNDAY, J. **Introducing Translation Studies: Theories and Applications**. London and New York: Routledge, 2001. p. 1-17.

KALAJA, P.; BARCELOS, A. M. F. (Eds). *Beliefs about SLA: New Research Approaches*. Dordrecht: Kluwer, 2003.

KIRALY, Donald. **Pathways to Translation: Pedagogy and Process**. Kent, Ohio: Kent State University Press, 1995.

\_\_\_\_\_ **A Social Constructivist Approach to Translator Education: Empowerment from Theory to Practice**. Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 2000.

MARTINEZ, S. L. **Tradução para legendas**: uma proposta para a formação de profissionais. 2007. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MARTINS, M. A. P. Processo vs. Produto: a questão do ensino da tradução. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 20. Campinas, 1993. p. 49-54.

\_\_\_\_\_ As relações nada perigosas entre História, Filosofia e Tradução. In: **Cadernos de Tradução**, v. 1, nº 1. Santa Catarina, 1996.

\_\_\_\_\_ Novos desafios na formação de tradutores. In: **Cadernos de Tradução**, v. 1, nº 17. Santa Catarina, 2006.

MILLER, J. P.; SELLER, W.. Transmission Position: Educational Practice. In: MILLER, J. P.; SELLER, W. (Eds.) **Curriculum Perspectives and Practice**. Nova York: Longman, 1985. p. 37-61.

PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. Bibliografia selecionada. In: **Cadernos de Tradução**, v. 1, nº 17. Santa Catarina, 2006.

PAGANO, A. et alli. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PRESTON, D. Language teaching and learning: Folk linguistic perspectives. In: ALATIS, J. E. (Ed.) **Georgetown University round table on language and linguistics 1991**. Washington, DC: Georgetown University Press, 1991. p. 583-603.

RICHARDS, J. & RODGERS, T. **Approaches and Methods in Language Teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986/2001.

RILEY, P. The guru and the conjurer: aspects of counselling for self-access. In: BENSON, P. & VOLLER, P. (Eds.) **Autonomy and independence in language learning**. New York: Longman, 1997. p. 114-131.

ROBINSON, D. **Construindo o tradutor**. Tradução de Jussara Simões. Bauru, SP: EDUSC, 2002. Título original: *Becoming a translator: an accelerated course*.

RUIZ, V. M. Motivação na universidade: uma revisão da literatura. In: **Revista de Estudos de Psicologia**, v. 20, nº 2. PUC-Campinas, 2003. p. 15-24.

TOURY, G. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995. p. 1-39.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Metodologia na investigação das crenças. In: BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. (Orgs.) **Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006. p. 219-131.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WENDEN, A. What do second-language learners know about their language learning? A second look at retrospective accounts. **Applied Linguistics**, 7(2), 1986. p. 186-205.

## Anexos

### Roteiro semiestruturado de perguntas

1. O que você considera relevante mencionar sobre seu processo de aprendizagem de tradução como um todo?
2. É possível ensinar e aprender a traduzir?
3. Como os professores podem ensinar o que pretendem, ou como propiciar condições de aprendizagem?
4. Seria importante para o futuro tradutor saber sobre os mecanismos em sua cabeça enquanto traduz? Por quê?
5. Que estratégias você usa para alcançar os resultados esperados?
6. O que você poderia fazer para aprender mais ou melhor?
7. Os tradutores são devidamente preparados durante seu percurso acadêmico para atender às demandas do mercado de trabalho?
8. O que é necessário para ser um bom tradutor? O que o tradutor deve saber? Este curso lhe dará os instrumentos para desenvolver essa capacidade?
9. Quais habilidades você espera desenvolver?
10. Que enfoque você gostaria que fosse dado ao curso? Ele está sendo dado?
11. A abordagem do curso é apropriada? Por quê?
12. Você gosta do modo como a aula é dada? Por quê?
13. Você tem alguma sugestão para o curso?
14. O que mais lhe agrada neste curso? Justifique a sua resposta, por favor.
15. E o que mais lhe desagrada? Justifique a sua resposta, por favor.
16. Existe um ator principal no processo de ensino-aprendizagem de tradução? Quem?
17. Na sua opinião, qual o papel do professor de tradução? Um modelo (de tradutor) a ser seguido? Um moderador de debates? Um transmissor de conhecimento?
18. Qual o perfil ideal do professor de tradução?
19. Você acha bom ou ruim ter um quadro de professores com visões diferentes (e, às vezes, antagônicas) sobre a tradução e o traduzir? Justifique a sua resposta, por favor.
20. O que você espera deste curso?
21. É necessário ter alguma habilidade prévia? Você a possui?
22. O que você sente quando é corrigido? Há alguma diferença entre ser corrigido em particular, ou seja, através de comentários escritos nos trabalhos, ou na frente de outros alunos?
23. Como você se sente ao ter sua tradução avaliada? Lembra de alguma experiência que mereça comentário? Quem geralmente faz isso?
24. Qual a diferença entre um tradutor autodidata e um formado em cursos específicos?

## Transcrições das entrevistas

### AI1

E: O que você considera relevante mencionar sobre o seu processo de aprendizagem de tradução até o momento?

AI1: Até mesmo antes de entrar na faculdade, você tem que ter um conhecimento muito profundo, não só do português, mas do inglês, da língua que você pretende traduzir. Mas acho que não só gramaticalmente, não só como conjugar verbos e essas coisas, mas também saber, por exemplo, como traduzir uma poesia. Tem que ter um sentimentalismo, tem que saber traduzir aquilo de uma outra forma, não traduzir ao pé da letra. Tem que levar aquilo para o leitor de um outro país. Saber a gramática é o básico. Tem que saber mesmo como lidar com uma cultura diferente, com palavras diferentes. A pessoa tem que ter primeiro para poder traduzir qualquer coisa, independente de ser um manual, por exemplo.

E: É possível ensinar e aprender a traduzir?

AI1: É possível ensinar as técnicas: paragrafação, grifo, aspas. Mas acho que ensinar a traduzir é meio difícil. Traduzir, ainda mais, como eu falei, para uma cultura diferente, porque o tradutor tem que ter o conhecimento. A pessoa vai ter esse conhecimento pelo mundo, não estudando, não abrindo um livro. Depende muito da pessoa também. Ou do professor. Se o professor não tiver um método de escola, acho que é possível. Senão, acho que tem que partir do aluno.

E: E o que o professor pode fazer para ajudar?

AI1: Não pode ter, por exemplo, uma apostila. Tem que mostrar por filmes ou mostrar por livros, mostrar por qualquer outra coisa para você entrar em contato com a cultura, não para saber por alto e aí traduzir uma coisa que você não tem nem ideia como as pessoas vão reagir.

E: Mas o que o filme tem que a apostila não tem?

AI1: O filme, o livro ou qualquer outra coisa trazem uma coisa um pouco mais real (inaudível), mais fácil para você. Se você ler uma apostila, você vai aprender momentaneamente, aprender para fazer uma prova, por exemplo. E, depois, vai lembrar só de como fazer a paragrafação e vai voltar na apostila para fazer depois. Se você, por exemplo, ver um filme sobre uma cultura, você vai saber que ela é daquele jeito sempre, independente de quantos anos você tem depois. Acho que isso é mais importante.

E: Qual é a dinâmica que costuma acontecer na sala de aula? Como funciona? Como é essa aula?

AI1: Infelizmente, as aulas que eu tenho são extremamente metodológicas, são o ponto de vista do professor e acabou. Acho válido, num primeiro momento, saber quais são as regras, mas o tradutor, depois de um tempo, tem que pensar com livre arbítrio para poder escolher qual é a tradução mais adequada, não traduzir ao pé da letra como alguns professores ou como algumas (inaudível) decidem porque não vai ficar bom, nem visualmente e nem para ler. Num primeiro momento, a gente não tendo contato, tem que ser metodológico, completamente, mas até é válido.

E: O professor geralmente escolhe um texto...

AI1: Escolhe um texto e a gente traduz.

E: Em casa?

AI1: Em casa e a gente entrega escrito. Aí, a gente debate em sala durante uma ou duas aulas e a gente reescreve de acordo com as coisas que foram discutidas para mudar e entrega depois de novo. A partir disso, ela dá uma nota ou a gente escreve de novo.

São temas completamente variados e são textos meio vazios, meio sem mensagem, são textos sem histórias, por exemplo.

E: É descontextualizado?

AI1: Totalmente.

E: Vocês não sabem de onde vêm?

AI1: A gente não sabe de onde vêm. A gente traduziu, por exemplo, um texto sobre uma dieta para a prova. Completamente descontextualizado, mas um texto simples. O nível de gramaticalidade é meio fraco, frases bem curtinhas, mais fáceis para assimilar.

E: E vocês debatem as opções que cada um trouxe.

AI1: É. Por exemplo, a gente debate por que uma pessoa usou certa palavra e outra usou outra, por que uma pessoa botou um grifo e outra não colocou. Coisas assim.

E: Todo mundo tem a oportunidade de falar?

AI1: Todo mundo tem a oportunidade de falar.

E: E falam?

AI1: Nem todos.

E: Não. Quem quiser...

AI1: Quem quiser fala. Quem quer defender o ponto de vista fala, quem quer defender a tradução.

E: Mas você falou que, no final, a opinião do professor é a que vale.

AI1: Acaba sendo.

E: E como é que isso acontece?

AI1: As pessoas que debatem, por exemplo, a gente tenta convencer e a gente até consegue convencer umas pessoas (inaudível), mas sempre tem um que: “Não, tudo bem. Eu vou mudar”. Aí, os outros acabam mudando, o professor concorda (inaudível). Ou, então, às vezes, o professor fala: “Não, gente. Eu prefiro tal”. E a maioria muda. A gente acaba mudando mesmo que a gente não goste.

E: Mas tem que ter “uma” versão?

AI1: Não deveria ter, mas acaba que ficam não iguais, elas ficam diferentes, mas as coisinhas que faziam a tradução de cada um ser única acabam ficando iguais e acaba perdendo um pouco daquela mágica.

E: E o que o professor deveria fazer? Qual seria o professor ideal?

AI1: Eu acho que, na verdade, ele deveria aceitar cada tradução do jeito que está. Vai corrigir os erros porque a gente também não sabe direito o que está fazendo, mas acho que deveria aceitar cada tradução. Cada pessoa vai traduzir de um jeito. Eu vou interpretar uma frase de um jeito, a professora vai interpretar de outro. Acho que deveria aceitar cada um do seu jeito, sem ter que fazer grandes mudanças para se adequar a um padrão (inaudível).

E: E o que ele faria lá na sala de aula? Qual seria seu papel?

AI1: Do professor? Mais de instruir, de corrigir os erros muito grotescos, botar na mente dos alunos que, não só para esse curso, mas para nossa vida de tradutor, a gente precisa ter uma distinção entre o que vai ser certo e errado, por exemplo, no português, no inglês, no francês, tem que ter essa distinção. Esse é o papel dele: mostrar os erros, mostrar como a gente pode consertar.

E: Então, seria mostrar a vocês o que é aceitável e inaceitável, mas tendo uma flexibilidade dentro do que fosse aceitável?

AI1: É. Dentro do que é aceitável para a outra língua.

E: Você já foi corrigida em sala?

AI1: Já fui corrigida porque, pelo que a gente aprendeu, quando se traduz um diálogo, não se deve usar “vê-la”, “usá-la”, e eu coloquei porque acho que fica

esteticamente mais bonito. Em todos os livros que leio, desde criança, aparece assim. Coloquei normalmente, automaticamente, sem pensar, e fui obrigada a mudar para “vi minha esposa”.

E: O que aconteceria se você não mudasse?

AI1: Se eu não mudasse, ia ter que mudar na outra reescrita. Ia ser obrigada a mudar. Não ia poder deixar o “vi-la”. Mas, fazer o quê? Mudei.

E: Qual o perfil do aluno ideal? Como deve ser o aluno de tradução?

AI1: O aluno de tradução (inaudível) um bom tradutor. Tem que ter lido muito, estar aberto a ler muito mais, não ter tanto preconceito em relação a certos tipos de textos, certos tipos de literatura porque tem que ter esse conhecimento. Vai ter que traduzir isso alguma vez na sua vida, qualquer tipo de filme (inaudível), documentário, ou pessoas (inaudível). Enfim, tem que não ter preconceito primeiro, porque tem muito preconceito textual, linguístico ou com pessoas. E estar muito aberto a opções, saber que vai ouvir críticas. Independente do trabalho, você vai ter que mostrar ele para alguém e muitas pessoas vão ler. Tem que estar consciente que vai fazer um trabalho que, às vezes, vai ser anônimo, mas vai levar isso a muitas pessoas. Elas podem ou não interpretar do jeito que o escritor original quis. Saber fazer essa ponte entre o autor e as pessoas.

E: O tradutor está passível de receber críticas, assim como o aluno de receber correções. Como você se sente ao ser corrigida?

AI1: É válido, por mais que eu não queira mudar, por mais que eu prefira a minha tradução original. Se meu editor ou minha professora recomendar fortemente que tenho que mudar, vou ter que mudar, a não ser que eu consiga defender (inaudível) e consiga mudar a ideia, senão, independente da minha vontade, vou ter que mudar.

E: Agora, você disse que para o tradutor é muito importante que ele leia muito. Então, o que leva as pessoas a virem fazer um curso universitário de tradução? Por exemplo, se ler fosse a coisa mais importante para o tradutor, você acha que ele deve buscar isso sozinho ou ele precisa vir a um curso de graduação aprender a tradução?

AI1: Acho que ele tem que buscar isso sozinho primeiramente. A graduação é como se fosse uma especialização, uma coisa mais prática, para aprender certas coisas que, sozinho, você não vai poder fazer. Acho que você já tem que ter um conhecimento prévio (inaudível), ainda mais porque você não vai aprender muitas coisas novas. Vai aprender algumas coisas, ter mais conhecimento sobre alguns autores, estudar a língua inglesa e portuguesa... A pessoa já tem que ter um conhecimento.

E: Sobre o quê? O que você acha fundamental que a pessoa já saiba?

AI1: Fundamental mesmo são as estruturas das línguas, mas não só o que se aprende num livro de curso de inglês, mas de como as pessoas falam, como as pessoas daquela cultura vão falar, como poder adequar essa estrutura que vai estar no inglês para o português, as piadas, os duplos sentidos, as ambiguidades... Para tudo isso, tem que ter um conhecimento. O conhecimento está lá. Você pode adquirir vendo um filme, uma série, indo para lá, qualquer tipo de convivência que você tenha.

E: Existem tradutores que nunca frequentaram uma sala de aula de tradução e outros tantos que frequentaram, como no caso de vocês. Que diferença você acha que existe entre um profissional e outro, já pensando em quando vocês já estiverem formados, inseridos no mercado de trabalho, e trabalharem com uma pessoa que nunca frequentou uma sala de aula de tradução, no mesmo trabalho que vocês? O que deve existir de diferença?

AI1: Pelo menos a ideia que tenho dos tradutores que não fizeram formação são pessoas que sempre tiveram contato muito grande com o escrito. São escritores, poetas, músicos, enfim. Mas, acho que eles têm um conhecimento mais popular. (inaudível)

acadêmico (inaudível) escritores não têm um domínio grande da língua (inaudível) escrever muito, mas têm o contato. Geralmente, são pessoas que já viveram em outros países. Não aprenderam o conhecimento teórico que a gente aprendeu aqui, só que de um jeito um pouco mais amplo. É diferente. Conhecimento básico eles vão ter de qualquer maneira. Vão saber as mesmas coisas que o tradutor formado vai saber. A única diferença mesmo é essa, mais teórica mesmo, de línguas, paragrafação, formatação (inaudível).

E: Você acha que isso é oferecido de maneira satisfatória no curso?

A11: Acho que sim. Bastante.

E: Qual era a sua expectativa antes de vir para o curso?

A11: Minha expectativa, na verdade, era de, no primeiro período, traduzir, traduzir, traduzir. Mas, depois (inaudível) eu entendi mesmo que eu e várias pessoas vimos que, não que seja errado traduzir de primeira, mas da primeira vez que a gente traduziu um texto foi extremamente desesperador. A gente não tinha o preparo para traduzir. Por mais que a gente seja formado em inglês e tenha feito provas, a gente não tinha preparo para traduzir um texto corrido. A gente sabe traduzir na nossa mente. Traduzir na nossa cabeça é uma coisa; traduzir para outra pessoa e adequar para que ela entenda é completamente diferente que a gente não fazia ideia do que era. Geralmente, precisa mesmo de outras matérias que deem apoio para poder fazer aquilo.

E: Esse preparo que faltava era o quê? Era saber como chegar ao outro, como veicular aquela...

A11: Não só isso, mas exercitar o inglês em aula, trabalhos, (inaudível) e o português também. Aprender coisas que a gente não aprendeu na escola, por exemplo. Aprofundar aquele conhecimento que a gente gostava. Teoria da literatura: gostava dos livros, mas não sabia sobre o que ele tratava mesmo, pegar o ponto da questão. Precisava mesmo. E precisa. (inaudível) é importante.

E: Então, em relação à sua expectativa, o curso está atendendo, não está? Está acima da sua expectativa?

A11: Está acima da minha expectativa, tenho que admitir. Tem algumas matérias que são tudo o que eu esperava e muito mais.

E: Ah, que bom. Legal.

A11: É, estou muito feliz mesmo fazendo Letras.

E: A que você atribuiria isso?

A11: Não sei. Tive um professor de literatura muito bom na escola, sempre gostei de ler vários livros e clássicos, mas é uma coisa que eu não esperava estudar. Por exemplo, não esperava estudar uma peça do Oscar Wilde num curso, sem ser sozinha. É uma coisa que, na minha realidade, não existia. Eu sonhava em fazer e aqui eu posso fazer.

E: Você teria uma sugestão para fazer? O que você já viu no curso é relativamente pouco, mas você sugeriria alguma coisa para os próximos anos que você vai estar fazendo esse curso?

A11: Acho que os alunos de tradução vão tendo muitas matérias de inglês na grade e poucas de literatura brasileira ou portuguesa. Os alunos deveriam ter um pouco mais de contato com literatura brasileira. Eu gosto muito, mas conheço muitas pessoas que não conhecem. Vejo muitas pessoas que vieram fazer tradução porque leram Harry Potter, por exemplo, e não têm o conhecimento de literatura que deviam ter. Acho importante as pessoas conhecerem os autores que a gente tem aqui no Brasil.

E: Por quê?

A11: Por que eu não sei. Acho que dá um certo orgulho saber que a gente tem autores tão bons quanto os consagrados, como Shakespeare. Pensar que a gente tem



autores tão bons quanto e que são muito reconhecidos, tanto a poesia, como a literatura. É importante a gente ter um estudo sobre eles até para fazer uma versão nova de algum livro deles. É bom saber a história.

E: Você acha que é possível ensinar a traduzir tanto da língua estrangeira para materna quanto da língua materna para a língua estrangeira?

AII: Eu acho que é, mas depende do grau de conhecimento que o aluno tem. Acho que não devia ser uma coisa obrigatória. Devia ser uma coisa que parte do aluno, uma matéria optativa, por exemplo, porque são diferentes, são contatos diferentes, mas eu acho que é possível. Se você tiver um conhecimento grande das línguas, acho que sim.

E: Você acha que existe um ator principal no processo de ensino e aprendizagem de tradução?

AII: Não sei. Acho que todos têm importância igual: os alunos têm, os professores têm, até os autores mesmo dos livros têm, principalmente os que influenciam a querer conhecer mais aquilo. Mas acho que todos têm importância fundamental. Nenhum tem papel maior do que os outros.

E: E na sala de aula em si?

AII: Na sala de aula de uma matéria de tradução, eu acho que o aluno tem uma importância não maior, mas (inaudível) fundamental porque ele tem que extrair aquilo do professor. Ele que tem que aprender coisas individuais que, às vezes, ele não sabe que o professor sabe e, às vezes, não teve tempo de passar para os alunos.

E: O aluno deveria tentar extrair isso do professor para meio que guiar curso?

AII: É. Não para guiar o curso, mas para ter aquilo para ele.

E: O que interessa a ele?

AII: O que interessa a ele, mas de um jeito coletivo. Não ter uma aula individual (inaudível) saber que precisa dar uma ênfase naquilo que eles não aprenderam. Então, o professor ajuda eles (sic) naquele determinado ponto.

E: Se você fosse convidada, por exemplo, pelo departamento para ajudar na elaboração do curso, na condução do curso, você acharia importante?

AII: Acho que sim. Acho que é importante.

E: Você gostaria de participar?

AII: Ah, gostaria. Acho importante os alunos de graduação, de pós-graduação, enfim, participarem porque é um contato um pouco maior. Por exemplo (inaudível) uma resposta daquilo que está acontecendo na aula (inaudível) melhor do que uma avaliação no final do período. Conta mais, com efeitos mais diretos do que fazer só uma avaliação.

E: E você gostaria de se sentar com o professor e sugerir que fosse feito de uma forma e não de outra, que fosse trabalhado esse texto e não outro? Você acha que isso seria importante?

AII: Eu acho isso importante, ainda mais num curso que nem Letras, que você trabalha com coisas muito subjetivas. Eu acho que é importante, sim, as pessoas conversarem com os professores. “Isso está dando certo, isso não. Os textos não estão bons. A gente não está entendendo. Foi muito difícil”, etc. É importante.

E: Existe esse espaço para isso, para...

AII: Depende do professor, mas existe. Assim como também não existe espaço nenhum.

E: Você acha que, nesse curso, você está sendo devidamente preparada para o mercado de trabalho?

AI1: Sim, acho que a gente tem um contato bem específico com várias matérias, várias visões diferentes, tanto de literatura quanto de linguística, de teoria. (inaudível) bem preparado. Tanto as palestras que têm aqui. Não tem nada que esteja faltando.

E: E qual dessas coisas você acredita que é fundamental para você sair lá no fim do curso e ser considerada uma boa tradutora?

AI1: Acho que as matérias de literatura são muito importantes e, também, as palestras que têm aqui porque você acaba vendo em prática aquilo que você estudou na teoria, coisas que você fez num trabalho ou numa prova, você acaba vendo como que aquilo (inaudível). Então, é muito mais importante do que saber tudo e não conseguir um estágio ou um emprego daqui a alguns anos. Mais importante mesmo é você ver aquilo... saber que você pode estar lá um dia, que você vai conseguir dar mais vontade e mais ânimo às pessoas do que estudar uma pessoa que conseguiu fazer uma tradução e acabou.

E: Quem dá essas palestras de que você está falando?

AI1: Não sei. São tantos. Teve uma que foi com Ferreira Gullar, que foi maravilhoso (inaudível). Teve uma que foi com a Glória Perez. Também foi ótima. Foi real mesmo, porque a gente tem contato com eles de uma maneira que, por uma biografia, você não tem. Você escutar eles falando acho que é muito mais importante, os contatos com pessoas que você nunca imaginaria, jamais, ver na sua frente. Como é possível? Como você pode conseguir?

E: Isso te motiva?

AI1: Motiva.

E: Por eles terem sucesso na carreira deles?

AI1: Não por eles terem sucesso, mas como eles conseguiram atingir o que eles queriam. Isso é muito mais importante do que você ter dinheiro. (inaudível) fazer o que você quer. E, se as pessoas conseguem, no mesmo ramo que você está, você se anima muito mais de fazer uma coisa. Você não está só pelo dinheiro. Você está porque você gosta. Vale muito a pena.

E: Eu fiz essa pergunta para você no início, a gente falou sobre um monte de coisas. Existe alguma coisa que, depois de tudo que a gente falou, você considera importante falar, considerando o processo de ensino e aprendizagem de tradução? Existe alguma coisa que você ache importante falar, que você queira...

AI1: O que eu acho mais importante mesmo, primeiro, para um tradutor, é literatura. Você tem que ter o conhecimento de que uma palavra não vai significar o mesmo na outra língua. Então, não pode traduzir jamais literalmente. Você tem que saber que as culturas são diferentes, as pessoas são diferentes, que os autores são diferentes, que o público vai ser diferente. Você tem que saber adequar aquilo para uma outra cultura, nunca perdendo o que o autor queria passar, sempre mantendo a mensagem. Isso é o mais importante. Não pode jamais fazer isso.

E: Está ótimo. Obrigada.

AI1: De nada.

## AI2

E: O que você considera relevante, agora que você estudou alguns meses de tradução, mencionar sobre o processo de aprendizagem e ensino de tradução?

AI2: É bem diferente do que eu tinha imaginado. Eu tinha imaginado que ia ser mais dar textos e traduzir mesmo. Não sabia que tinha tantas técnicas, tantos pontos a discutir. Então, a gente analisa sintagmas nominais, os modais, analisa várias coisinhas típicas da língua que, às vezes, na tradução, podem ocorrer problemas.

E: E você imaginava antes que seria como?

AI2: Eu não sabia bem como seria, mas achei que não seria tanta teoria. Achei que ia ser mais prática, mas tem bastante teoria, que é importante saber na hora de aplicar.

E: Mas o que você chama de teoria são correntes tradutórias ou esse estudo...

AI2: O estudo da língua, da estrutura da língua mesmo. Achei que a gente fosse, talvez, estudar mais vocabulário, alguma coisa nesse sentido, mas pega bastante a estrutura da língua mesmo. Nosso professor até diz que é importante a gente ter base no português-padrão, de gramática, sintaxe. É importante saber concordância nominal. Essas coisas são muito importantes para que o texto fique coerente.

E: Então, você diria que o curso superou a sua expectativa por esse motivo? Está dentro da sua expectativa? Abaixo da sua expectativa? Porque foi diferente do que você esperava.

AI2: Não foi a minha expectativa. É diferente. Não foi de uma maneira melhor nem pior. Foi diferente do que eu tinha pensado mesmo.

E: Você acha que esse tipo de preparo que o curso está oferecendo aos alunos é suficiente para ele entrar no mercado de trabalho? Você acha que é um bom preparo?

AI2: Eu acho que com certeza. Estou na primeira matéria, que dá mais uma noção geral, mas as matérias futuras especificam mais, texto de ficção ou texto científico. Então, acho que pega bem naquilo que a gente vai precisar saber, trabalhando naquela área que a gente escolher.

E: O que o tradutor precisa saber?

AI2: Não basta ter só a noção da língua inglesa e da língua portuguesa. Também tem que saber... ter boa capacidade de interpretação de textos porque tem horas em que pode aparecer uma ambiguidade ou uma expressão que não tem na nossa língua e, aí, a gente tem que saber procurar uma equivalência, mais ou menos, sem traduzir literalmente, porque traduzir literalmente é fácil. A gente tem que tentar traduzir o texto de maneira que também faça sentido para uma outra cultura. Tem que pensar nesse aspecto cultural também.

E: Você acha que faz diferença, então, uma pessoa que quer ser tradutor profissional frequentar o curso, como você está fazendo, curso de graduação ou formação, ou não? A pessoa pode começar a traduzir porque ela conhece as duas línguas e vai aprender na prática?

AI2: Antes de eu começar a fazer aula, eu achava que era bem simples fazer tradução: ter domínio das duas línguas, que é fácil encontrar uma equivalência. Mas não é bem assim. Tanto que a gente vive lendo textos traduzidos, até na internet, ou, então, traduções de livros. Às vezes, eu leio uma expressão e penso: “No inglês, deve ser isso, mas, em português, não faz muito sentido.” Então, acho que essa base é importante para isso, até porque o tradutor é quase como se fosse o escritor: ele está fazendo a mediação entre o escritor e o leitor que não consegue ler na língua original. Acho essa uma responsabilidade muito grande. Então, você não pode fazer o trabalho de qualquer maneira.

E: Você acha que ter percebido isso, que não era suficiente saber as duas línguas, mudou a sua postura como aluna?

AI2: Acho que mudou porque, realmente, eu achei que ia ser muito fácil. Não sei por que, mas, na sociedade, todo mundo considera tradução fácil. Então, quando eu falo que estou pegando matéria de tradução, todo mundo fala: “Ah, mas tradução?! Qualquer um faz. Não precisa estudar”. Então, ter essa noção de que não é só saber as duas línguas, com certeza, mudou minha visão. Eu prefiro ler no original. Quando eu pego autores ingleses ou americanos, eu prefiro ler no inglês, mas agora estou dando muito

mais valor às traduções, pois vejo o quanto é trabalhoso e como é um trabalho meio que de reescrever o livro.

E: Você acha que, na sua prática de estudo, isso teve algum impacto ou você estudava da mesma forma que você estuda agora?

AI2: A tradução?

E: É.

AI2: Acho que nas primeiras traduções, eu tentei fazer essa coisa mais automática, de pegar as palavras e traduzir meio que fora do contexto. Depois, eu percebi que tenho até que pesquisar na internet sobre o assunto que eu estou trabalhando pra entender o que aquela palavra, naquele determinado contexto, quer dizer. Às vezes, nem no dicionário tem a tradução da palavra que você está procurando. Tem que usar uma outra palavra.

E: Para você, qual é o perfil ideal do professor de tradução?

AI2: Eu acho que até o que o próprio Professor 1 faz é bom - toda semana tem que ter uma tradução – porque você treina bastante, e outra coisa que eu acho importante é corrigir rápido as traduções para poder entregar e a gente ter um *feedback*, para a gente poder aprender com os nossos erros. Acho que isso é importante. Acho também que muito importante para o professor de tradução é estar aberto à interpretação dos alunos porque, às vezes, ele vê o texto de uma maneira e o traduziria assim, mas é importante ele mostrar que não tem só uma tradução possível porque é uma coisa muito subjetiva e cada um traduz de uma forma. Então, é importante ele respeitar isso, mas, ao mesmo tempo, guiar a gente, mostrando que, em alguns casos, algumas traduções ficam melhores do que outras. Então, é meio difícil porque você tem que ensinar, mas sem também restringir.

E: É possível ensinar e aprender a traduzir?

AI2: Não... É... É possível. A gente consegue aprender as técnicas, mas é uma questão difícil. Eu acho que é muito de cada um. Não sei se existe alguma coisa tipo “dom”, mas tem que ter uma “sacada” da língua, tanto do inglês quanto do português, no caso, porque entender gírias e tal... tem que ter uma sacada muito grande. Mesmo assim, é difícil tradução.

E: E além dessa “sacada”, o que mais um bom tradutor deveria ter?

AI2: Tem que ter muito vocabulário, muita disposição para correr atrás de um significado que ele não entende para poder dar a tradução correta, cuidado na hora de reler os textos, ver tanto se o que você escreveu está correspondendo ao texto original, mas também ver se o texto sozinho está fazendo sentido porque, senão, você traduz só pensando no original e, em português, não está fazendo sentido o que você escreveu.

E: Você acha que essas habilidades são desenvolvidas na universidade?

AI2: A universidade, com certeza, ajuda, faz a gente prestar atenção a essas qualidades que a gente tinha que ter, mas também depende um pouco da personalidade de cada um porque tem umas pessoas que são mais preguiçosas (inaudível) pegar uma tradução mais consagrada para uma palavra, uma tradução mais normal. Talvez não procure, não pesquise os significados que a palavra poderia ter. Então, acho que o curso, com certeza, ajuda a gente, mas também é preciso ter personalidade.

E: Existe um perfil ideal?

AI2: É, acho que existiria um perfil.

E: Você falou que acha importante o professor corrigir rápido as traduções. Essa correção é feita no papel? Você entrega uma versão impressa?

AI2: É, eu entrego uma versão impressa e ela corrige sublinhando ou circulando.

E: Todas que você faz?

AI2: Todas.

E: E tem discussão em sala?

AI2: Tem. Sempre que a gente recebe as traduções, ela pergunta quais foram os pontos que a gente ou discordou da correção dela ou se a gente realmente teve dúvida, se não entendeu alguma coisa, teve uma interpretação errada do texto, e todo mundo discute junto. Não é uma coisa individual. Até porque outros podem levantar uma questão sobre a mesma dúvida. Aí, todo mundo discute isso. Sempre tem umas discussões muito intensas.

E: Mas tem correção nesse momento em que vocês estão discutindo ou é só mesmo uma troca de ideias?

AI2: Nessa hora em que a gente discute, a gente está mais trocando ideias, tentando ver a mesma frase por outros ângulos, vendo se é isso nesse contexto ou não, mas o professor também diz: “Olha, gente, tudo bem que vocês tenham entendido assim, mas prestem atenção a essa palavra porque ela indica isso. Então, seria melhor usar isso.”

E: Você já foi corrigida em sala?

AI2: Sim.

E: Nessas discussões?

AI2: Como assim?

E: De você, por exemplo, cometer um erro de leitura ou de interpretação...

AI2: Já aconteceu, até porque, às vezes, a gente recebe algum texto curto e a gente lê em voz alta e ela pede para cada um traduzir uma frase. Aí, a pessoa traduz errado porque não prestou atenção direito. Até porque, no oral, a gente não presta muita atenção.

E: E como você se sente?

AI2: Depende. Se eu sou corrigida e percebo que, realmente, não prestei atenção, eu até falo: “Ah, é verdade. Tudo bem. Não percebi”. Mas, às vezes, ela corrige e eu penso: “Não, mas eu acho que tenho razão”. Aí, eu começo a discutir com ela. “Não, mas, pôxa, eu entendi isso, isso e isso”. Ou, às vezes, eu estou entendendo errado mesmo e ainda não entendi o que estou entendendo errado. Então, discuto até, finalmente, perceber que, realmente, entendi alguma coisa errada ou até ela falar: “Realmente, isso faz sentido. Eu não tinha pensado nessa tradução, mas faz sentido, nesse contexto, traduzir assim.” Tanto do meu lado, de aluna, quanto do outro, da professora, a gente tem que, uma hora, falar: “É verdade”.

E: Você gosta dessa discussão?

AI2: Gosto. Acho que a coisa mais interessante da aula é quando têm as discussões.

E: Tanto você chegar à conclusão de que pode estar errada quanto a professora aceitar também uma outra opção. Você acha que deve ser assim?

AI2: Acho que deve ser assim porque, como eu falei, as traduções são muito individuais. Então, tenho que respeitar a posição dela, de professora, porque é mais sábia do que eu nesse assunto, e ela também tem que aceitar minha individualidade. Tem que haver uma aceitação mútua.

E: O que faz dela uma pessoa mais sábia nesse assunto?

AI2: Ela estudou isso durante muito tempo, faz traduções, estudou muito mais do que eu que estou apenas na primeira matéria e não fiz nenhuma tradução ainda.

E: Você está na primeira matéria, mas digamos que você faça outras. Você acha que seria bom ou ruim ter professores com visões diferentes sobre o que é traduzir, sobre tradução?

AI2: Acho fundamental, porque dá para a gente uma visão diversificada de tudo o que a tradução pode ser, e não uma coisa pronta, objetiva, fechada. Dá uma visão bem aberta.

E: Existe, no processo de ensino e aprendizagem de tradução, alguém que você acha que acaba tendo um papel central? Esse papel é do professor? É do aluno? Ou você acha que não? Que todos têm um papel muito importante? Quem você acha que tem mais peso nesse processo?

AI2: Os dois, porque o aluno tem que escutar as orientações do professor, mas, se ele apenas seguiu-las, vai fazer uma tradução sempre igual, da maneira que ele quer. Mesmo que ache que não é isso, vai traduzir assim porque o professor gosta. Isso te limita muito. Quando mudar o professor, você terá que mudar o seu tipo de tradução. Nunca vai encontrar a sua maneira de traduzir. Então, o papel dos dois é igualmente importante.

E: Tentar se adequar ao que o aluno acha que o professor espera dele faz o aluno menos autônomo?

AI2: Com certeza.

E: E qual a importância do tradutor ou do aluno de tradução ser mais autônomo? O que isso lhe traz de benefícios?

AI2: (longa pausa) Como vou explicar? Quando você estiver inserido já no mercado de trabalho, vai estar trabalhando sozinho. A profissão de tradutor é meio sozinha. Então, você tem que criar essa autonomia, de ter certeza do que está fazendo, das suas argumentações, das palavras que escolheu. É importante desenvolver isso desde o começo, na faculdade. Não vai ter um professor que você vai ter que ficar agradando. Tem que agradar o público. Tem que ter certeza das decisões que está tomando.

E: Tem outras coisas que a pessoa possa fazer para desenvolver isso?

AI2: A autonomia?

E: É.

AI2: (longa pausa) Não sei. Essa é uma pergunta difícil. Acho que a autonomia faz parte da sua personalidade. Têm pessoas que são bem autônomas e outras que se deixam levar pelos outros mais facilmente. Não sei como se muda essa característica do caráter. É bem complicado.

E: Você acha que vem com a...?

AI2: É. Vem com a educação da sua vida.

E: Existe alguma habilidade prévia que a pessoa teria que ter, antes de entrar no curso?

AI2: (longa pausa) Habilidade prévia...

E: É.

AI2: Acho que sim, um pouco. Como falei antes, acho que tem que ter muito conhecimento da língua, no caso, o inglês, da língua original, da qual a gente parte porque têm muitos verbos que têm trinta significados e muitas expressões de gírias e informalidades que são muito específicas da língua, que, se você entender literalmente, faz um sentido completamente diferente. Por exemplo, eu li um livro de português e percebi que tinha uma expressão que eu pensava como era no inglês, mas que, em português, não fazia o menor sentido. Acho que tem que ter essas “sacadinhas”.

E: O que você tem como estratégia para aprender mais e melhor a traduzir?

AI2: (longa pausa) Acho que pesquisar na internet. Se estou traduzindo um texto sobre um ator famoso, vou procurar saber quem é esse ator, quais são as características principais dele, porque, no texto, vão ter palavras falando sobre ele. Até para traduzir os nomes dos filmes, vou fazer uma boa pesquisa na internet. (inaudível) Ou então, textos

que falam sobre uma tribo na África. Tem várias palavras em inglês que não sei se existem em português ou não. Então, vou pesquisar sobre essa tribo para saber se existem essas palavras diferentes em português ou não. Acho que essa parte da pesquisa, na internet principalmente, é muito importante para cada texto.

E: A abordagem do curso é apropriada? Você falou que gosta, né?

AI2: É, eu gosto das aulas de discussão. Das aulas mais de teoria, não gosto tanto.

E: Ficar discutindo soluções para aquele...

AI2: Acho isso muito interessante discutir, até porque, às vezes, você percebe no seu colega de turma uma opção melhor para traduzir aquilo, que você não tinha pensado. Quando todo mundo divide a maneira como traduziu, acho muito importante.

E: Então, é isso. Obrigada.

### AI3

E: Pensando na sua trajetória de ensino e aprendizagem de tradução, o que você considera mais importante mencionar?

AI3: Como assim? Na técnica de tradução?

E: Não. Do momento que você entrou no curso até agora, qual é a primeira coisa que vem à sua cabeça, algo muito importante sobre esse processo que você mencionaria?

AI3: De certa forma, ser criativo.

E: Por que isso é importante?

AI3: Porque certas coisas não têm resposta certa ou errada na tradução. Tem que criar uma metáfora ao traduzir as ideias dos outros.

E: Qual é o perfil ideal do professor de tradução?

AI3: (pausa) Ele tem que fazer discussões na sala. Acho que isso é muito importante. Não sei falar muito sobre isso.

E: Acha que ele tem que ser mais incisivo quando ele acha que uma coisa é certa ou menos? Vocês são, digamos, quinze alunos. Serão quinze traduções diferentes. Qual deve ser a posição dele: deve opinar sobre o que está certo, se é aceitável ou não? Ele deve só guiar e aceitar todas as opiniões? Qual deve ser a postura dele em relação a isso?

AI3: Ele tem, sim, que falar o que é certo e o que é errado, principalmente no começo.

E: Ele que daria o aval das traduções? Seria um tipo de “controle de qualidade” na sala?

AI3: Acho que sim, principalmente no começo para os alunos pegarem uma noção do que é tradicional, do que se deve fazer e o que não.

E: Por que ele deve fazer isso no começo?

AI3: Porque acho que, dessa forma, ele deixa o aluno por dentro do que é aceitável, do que não é aceitável, do que pode até estar certo, mas não é o que as pessoas convencionalmente tomam por certo.

E: E, pro final do curso, ele deve mudar de postura?

AI3: Acho que sim.

E: Aí qual seria a postura ideal?

AI3: Ser menos assertivo e deixar um pouco mais aberto ao debate.

E: Por que isso seria importante? Deixar aberto traria que benefícios?

AI3: Primeiro, os alunos procurariam informação, não só na internet, não só... não sei... em livros, mas também com os outros profissionais que estão perto dele. E também para os alunos se sentirem confiantes.

E: Por que é importante se sentir confiante nesse momento?

AI3: Acho que, para o tradutor, é muito importante se sentir confiante.

E: Mas por quê?

AI3: Justamente porque o que ele vai estar fazendo não é tão certo ou errado. Você tem que fazer uma escolha e tem que seguir. Não vai ter quem te diga o que é certo e o que é errado quando acabar a faculdade.

E: E já que não vai ter ninguém fora da faculdade para dizer se isso é certo ou é errado, o que mais ele tem que ter, além de confiança? Existe algum outro traço, alguma outra característica que ele vai ter que ter?

AI3: Bom senso. (pausa) Não sei. Acho que saber também quando errou e não tomar tudo o que foi feito por certo.

E: Você acha que a universidade promove isso no aluno?

AI3: Não sei porque não terminei ainda, mas, até aqui, acho que sim.

E: E é o suficiente? Você, que já está no mercado de trabalho, é um bom parâmetro. Você acha que o que se faz aqui no curso é suficiente para inserir um bom tradutor no mercado de trabalho?

AI3: Isso eu não sei muito porque, na verdade, estou no quinto período, mas peguei muitas matérias de Letras, não tantas da área de tradução. Agora é que estou pegando mais matérias da área de tradução. Então, não sei se é o suficiente ou não.

E: Na aula, você costuma ser corrigido? Acontece dos alunos serem corrigidos em aula?

AI3: Acontece.

E: E o que você acha disso? Como você se sente?

AI3: Bem, acho que está certo, principalmente nesse início.

E: As correções que são feitas na tradução impressa... como são feitas? São comentários de tudo ou do que é mais importante? Como é feito?

AI3: Pelo que entendi, a professora divide os erros entre binários, que são erros que não podem, de acordo com as normas do português e com as convenções dos tradutores, e erros que seriam mais, não sei explicar direito, de opinião. Ela anota e sinaliza o que seriam esses erros binários e o que seriam erros de acordo com o bom senso dela.

E: E você gosta dessa forma de correção?

AI3: Acho que sim, gosto.

E: Por quê? O que você acha que traz de benefícios?

AI3: Primeiro porque eu acho que essa questão de assinalar os erros binários, o que é certo e o que é errado, é importante nesse começo para o aluno criar parâmetros que ele deve seguir. A partir daí, ele faz as escolhas dele.

E: Você tem alguma sugestão para o curso, algo que você gostaria que fosse feito diferente do que é feito normalmente?

AI3: (pausa) A minha sugestão seria que, principalmente mais para o final, fosse deixando mais aberto para discussão, mas eu não sei se é assim porque ainda não cheguei lá.

E: Tudo bem. Você acha, então, que é possível ensinar e aprender a traduzir?

AI3: Acho que sim.

E: Existe alguma habilidade prévia que a pessoa tem que ter, antes de entrar no curso ou qualquer um pode entrar e aprender?

AI3: Acho que não qualquer um. Acho que tem que ter alguma coisa. Não sei direito o que é.

E: Existe alguma característica? Não digo nem o conhecimento de línguas porque isso tem que existir: um mínimo de conhecimento das duas línguas, do par de línguas



com que você vai trabalhar, mas alguma característica da pessoa, da personalidade ou uma atitude que você acha que seja necessária?

AI3: Eu costumo conversar bastante com os alunos e o que eu percebo é que o aluno de tradução, geralmente, não se sente brasileiro. Ele se sente meio como se fosse de todos os lugares. Essa é uma característica que eu consegui identificar nos alunos.

E: Isso é muito interessante. Eu nunca tinha percebido. Você acha que uma vivência no exterior, por exemplo, é uma coisa importante para quem traduz ou não faz diferença?

AI3: Acho que adiciona.

E: Adiciona?

AI3: Acho que sim.

E: Em que sentido?

AI3: Principalmente, (pausa) em aprender o que é do senso comum daquela cultura, daquela língua. E isso adiciona porque, como você vai passar, se você entender, conhecer melhor a língua de origem para passar para a língua de destino, é mais fácil.

E: Existem uns programas de computador que monitoram enquanto a pessoa está traduzindo. Ela vai falando o que ela está pensando no momento. Ela escreve, aí muda de ideia e volta e vai relatando o que está acontecendo com ela. Você acha importante saber o que se passa na cabeça de uma pessoa enquanto ela traduz?

AI3: Acho que sim.

E: E por quê?

AI3: Não sei. Acho que eu sou meio interessado nessa área de o que as pessoas pensam para fazer uma determinada coisa. Não sei se é relevante para a área de tradução. Talvez, sim. Talvez para ensinar. Talvez se tire alguma lição daí.

E: Existe alguma habilidade que você acha que ainda não tem e precisa desenvolver durante o curso?

AI3: Alguma habilidade? (pausa) Bem, não sei. Talvez... não sei. Não sei ao certo. Acho que tem alguma habilidade, só não sei qual é.

E: Você vê diferença entre um tradutor que frequenta um curso como o que você está frequentando e um tradutor que começa já na prática?

AI3: Vejo, sim.

E: Qual é a diferença entre os dois?

AI3: O exemplo que tenho sou eu mesmo porque, quando eu traduzia antes de aprender o que eu aprendi sobre tradução... porque, na verdade, eu só comecei a traduzir depois que entrei na faculdade, mas não peguei as matérias de tradução desde o início. Peguei um pouco mais para lá.

E: Então, você fazia matérias de...

AI3: De literatura.

E: E já traduzia?

AI3: Já traduzia. Depois que aprendi as bases, vejo que é bem diferente.

E: Em que sentido? O que mudou?

AI3: Primeiro, tinham vários erros que eu não tinha noção que eu cometia, principalmente, erros de convenção.

E: E nem percebia o que estava fazendo?

AI3: Não. Não percebia.

E: Então, hoje em dia, você se acha um tradutor melhor?

AI3: Melhor.

E: O que mais te agrada no curso?

AI3: O que mais me agrada... Acho que é justamente esse momento de poder discutir, de ver a opinião dos outros.

E: E existe alguma coisa que te desagrada?

AI3: Desagrade... Quando o professor tenta corrigir o aluno, mas de uma maneira muito severa e fica meio perigoso porque o aluno, às vezes, não aceita. Depois, acaba não aprendendo.

E: Teria uma solução para esse problema?

AI3: (pausa) A solução acho que é o bom senso, às vezes.

E: De ambas as partes ou você acha que do professor em si?

AI3: Do professor e do aluno.

E: Dos dois.

AI3: Dos dois.

E: Você já presenciou uma situação em que era o contrário: o aluno é que, a seu ver, deveria ter dado o braço a torcer e não deu?

AI3: (pausa) É complicado porque, às vezes, a gente não sabe se, de fato, o aluno pegou aquilo como: “Ah, eu estava errado”. Às vezes, o aluno acha que estava certo, mas depois ele próprio se corrige. É meio complicado, mas eu acho que não, que eu tenha presenciado, não.

E: Depois disso tudo que você falou, você acha que existe mais alguma coisa sobre a aprendizagem de tradução que mereça ser falada, mereça ser comentada? Algo que, de repente, eu não falei, mas que você considera importante?

AI3: Não. Acho que você abordou tudo o que eu penso.

E: Obrigada.

AI3: De nada.

#### AI4

E: Eu queria que você pensasse no seu processo de aprendizagem de tradução, desde que você começou até agora, o que você considera mais importante mencionar. O que vem à sua cabeça? O que você acha importante nesse processo?

AI4: Aqui na faculdade, especificamente, eu acho importante que tenha essa pluralidade de matérias. Não tem só Tradução. Você não fica só na prática, mas você também acaba passando por outras disciplinas: Literatura, mesmo Fonologia, coisas que vão adicionar ao processo de tradução mais tarde. Acho que é bom a gente não ficar restrito só às aulas teóricas de Tradução ou às aulas práticas. Aliás, eu também gosto porque, em Introdução à Tradução, eu não fiquei só na prática, mas fui estimulada a pensar um pouco na teoria da Tradução, o que significa trabalhar com tradução, o que é esperado, o que é possível, o que é factível, o que a gente tem que mais ou menos almejar para não ficar frustrado ou para, enfim, não acabar simplesmente desanimado com a coisa e desistir no final. O importante é que a gente tem um modelo ali passando, ensinando o que já passou, já experimentou, e não dizendo: “isso é errado, não pode ser assim”, mas dizendo: “ah, essa é uma interpretação possível, isso é aceitável” ou “já não é bem por aí, mas se você pensar um pouco assim, pode ser isso, pode ser aquilo”. Eu gosto dessa abertura da Tradução, embora eu não ache que a coisa deve ser escancarada. Eu acho que dá margem à pluralidade mesmo. Eu gosto disso. Acho que isso é importante que seja destacado e incentivado no curso. Não sei se eu respondi.

E: Não, claro. Claro que respondeu. Você está falando, no caso, do professor. Você prefere que ele assuma esse papel de mostrar como foi a experiência dele, ao invés de ser um juiz, certo e errado.

AI4: Exatamente. Tem que ser também porque tem que dar um *feedback*. A gente tem que ter mais ou menos uma noção de como a gente está indo. É importante esse

papel também, mas eu acho que ele tem que estar do lado e direcionar mais do que restringir, limitar, julgar, regular.

E: Mas por quê?

AI4: Porque eu acho que é um incentivo. Quando alguém se mostra num papel muito duro, acaba meio que você fica um pouco encolhido. Pelo menos, eu sou assim. Eu não sou uma pessoa hiper-extrovertida nem nada. Então, eu gosto de estudar com gente diferente comigo. Eu gosto de discutir, mas se as pessoas estão totalmente tentando me impor as coisas, eu acabo me fechando e a experiência toda já vai por água abaixo para mim. Eu já acabo estendendo o meu desgosto não só à pessoa, mas também à prática. Se tem uma figura mais branda, embora... eu quero que seja autoritária no sentido de... eu sei que há uma pessoa ali para me ensinar. Então, eu estou numa posição abaixo dela, mas eu não me sinto necessariamente inferior. Eu acho que isso é bom.

E: Eu não entendi direito a diferença entre estar abaixo do professor e não ser inferior. Como assim?

AI4: Abaixo no sentido... eu sei que ele é uma pessoa *to look up to*. Admiro e o vejo como modelo, como alguém a seguir, mas, ao mesmo tempo, eu não sinto que ele está me colocando como uma subalterna ou alguém inferior ou não tão bom. Claro que eu não sou tão boa como ele porque eu não tenho toda a experiência, enfim, ou, não vou entrar em mérito de talento porque, enfim, mas, pelo menos, eu quero reconhecer que ele vê algum potencial, alguma chance de, quem sabe, um dia, eu alcançar um patamar.

E: Isso é importante para você: a opinião que o professor faz de você. O quanto do teu emocional você acha que influi na tua aprendizagem?

AI4: Eu sou uma pessoa que o meu emocional influencia tudo e qualquer coisa. Então, se eu não estou num bom dia, eu não acho que as coisas saiam certo e eu não consigo ficar satisfeita com o que eu produzo. Eu fico mesmo desacreditada. São fases. Eu, pelo menos, sou persistente. Então, quando eu insisto e acho que dá mais ou menos certo, quando eu tenho uma resposta positiva, então eu já me animo de volta. Apesar de eu ficar desanimada com facilidade, eu também consigo me animar com uma facilidade mais ou menos igual. Eu não desisto por causa de alguma coisa assim.

E: E além de um *feedback* positivo, que coisas mais te motivam em termos de ensino, ou melhor, de aprendizagem?

AI4: Eu gosto que me tragam coisas novas, que eu não conhecia, sejam autores, sejam questões de texto, de debates, sobre assuntos mais teóricos ou práticos. Eu gosto da experiência em classe, com outras pessoas, outros estudantes, porque são pessoas com quem você pode se relacionar no sentido dele estar numa posição igual à minha, ele está aqui para aprender. Também, a gente pode trocar um pouco, ver o que um acha, o que o outro acha, mas eu acho que também tem um lado negativo. Eu vejo que em aulas que a gente tem que fazer mesmo tradução e discutir as nossas traduções, às vezes, as coisas acabam um pouco devagar, porque cada um quer dar uma opinião sempre e, muitas vezes, as pessoas trazem coisas exteriores ao texto, exteriores àquilo que a gente está fazendo mesmo que eu julgo desnecessárias. Pode até não ser, mas isso é o que eu sinto e, às vezes, acaba que não tem ênfase às coisas que a gente está fazendo mesmo porque ficamos discutindo novela. Isso não acontece só em Tradução, obviamente. Acontece muito mais até em outras aulas, mas acontece também em aulas de Tradução que dão a opinião só o professor e um aluno.

E: E é comum?

AI4: É comum. Eu acho que é comum. Pelo menos nas matérias que eu tive. Foram poucas, mas em todas elas aconteceu.

E: Você acha que a sala de aula de tradução aqui da PUC, a dinâmica dessa sala é mais a de um professor que manda você traduzir, mas que a palavra, na verdade, ele não

quer saber o que você fez e, sim, dar a posição dele? Você acha que não, que tem trabalho em grupo, tem interação e o professor tem a palavra final de certa forma, embora ele ouça as opiniões dos alunos ou você acha que é uma sala de aula bastante democrática, onde todo mundo tem voz e o professor serve mais como guia, mas em nenhum momento ele, assim, ele não tem a palavra final, todo mundo tem o mesmo poder, digamos? Como você acha que é a sala de aula aqui?

AI4: Então, eu vou te falar da minha experiência mais recente, minha última aula mesmo, que foi Tradução de Ficção. Era assim: a gente tinha que fazer as traduções em casa. Foi um conto inteiro. A gente traduzia por partes e, a cada aula, a gente entregava uma tradução e discutia uma outra que a gente já havia entregue, mas não discutido. A gente ficava discutindo a da semana anterior e entregava uma nova. Foi assim até o final do semestre. Como a gente tinha entregado, aí todos os alunos entregavam, o professor corrigia, obviamente, e mais tarde, em algum outro momento, ele retornava algumas com uma nota. Então, ele tem, de certa forma, essa opinião final. Mas, ao mesmo tempo, interessava a ele, o que eu achava muito bom, saber como era o processo para a turma inteira, porque ele dizia: “Ah, então daqui até aqui, Não-sei-quem. O que você colocou?”. Não-sei-quem dizia o que tinha feito na tradução dele. Aí, ele ponderava: “É, gostei, mas acho que tal palavra seria melhor que essa, mas, Não-sei-quem, o que você acha? O que você colocou?”, e cada um interferia, mas obviamente ninguém batia o martelo, nem ele mesmo. Ele deixava uma coisa muito aberta, mas eu acho que ele tinha essa palavra final, até porque ele dava uma nota. Mas eu gostava bastante desse sistema porque, depois de um tempo, você conseguia ter uma noção global do que as outras pessoas estavam fazendo, conseguia ter aquele parâmetro que o professor dá e, também, outras possibilidades porque, apesar de ele mesmo já ter traduzido aquele conto, publicado a tradução e ter feito de uma determinada maneira, ele dizia: “Ah, não, eu até gostei mais disso que você fez, mais do que a minha própria. Vou até mudar aqui nos meus arquivos”. Então, é muito interessante, porque estimula, te dá uma noção do que outras pessoas estão fazendo, quais são as dificuldades, quais são as tuas, enfim. Acho que foi muito bom.

E: E você gostaria que fosse assim mesmo ou você gostaria que a dinâmica fosse diferente?

AI4: Olha, poderia até mudar, mas sei que esse funcionava. Enfim, para mim, foi ótimo. Apesar daquelas pequenas intromissões de assuntos externos (inaudível) funciona muito bem, mas eu reconheço que outros métodos devam funcionar igualmente.

E: Você conhece algum que você sugeriria?

AI4: Sugeriria, não, até porque não tenho didática, desse gênero, alguma.

E: Mas como aluna, de repente.

AI4: A única ressalva que eu faço mesmo é que eu acho que alguns professores deviam ter um maior controle do que é discutido em sala porque, muitas vezes, eles acabam não sabendo como restringir, como dizer: “Não é hora de falar disso”. Essa é a minha única ressalva mesmo. Os professores não sabem fazer, querem ser legais, ter uma empatia, o que é totalmente normal e bom, admiro e, enfim. Mas, acaba, para mim, tornando as coisas um pouco truncadas. Mas, mesmo que não tivesse essa discussão palavra por palavra, frase por frase, eu acho que tem que haver algum tipo de discussão da tradução, seja escolhendo certos pontinhos que... “Ah, o que você achou mais difícil nessa tradução de vocês?” “Ah, eu acho que foi isso.” “OK. Então, vamos discutir *isso*.” Aí, o outro diz: “Ah, eu achei que foi aquilo.” “Então, vamos discutir *aquilo*.” Não precisa ser frase por frase, mas eu acho que é necessário alguma discussão.

E: Mas, no todo, você está satisfeita?

AI4: Sim.

E: Qual seria o professor ideal? Como seria?

AI4: Eu acho que já falei o que eu entendo por um bom professor: aquele que serve como um modelo, como a pessoa que tem aquela voz mais alta, é aquele que vai te incentivar também. Eu não acho, sinceramente, que um professor que te coloque para baixo funcione. Conheci vários. Conheci muitos professores que - não nesse curso, mas em outras experiências - que não gostam de falar com o aluno, que acham que aluno tem que ficar calado, aluno não tem que dar opinião. Então, eu acho que esse tipo de professor não é bom, não incentiva, não estimula, muito pelo contrário. Então, acho que o professor tem que ser aquele disponível para você, tanto em classe como fora de classe, embora eu reconheça que não dá para ser o tempo inteiro, mas que se mantenha aberto. (inaudível) Eu também acho que o professor deve mostrar entusiasmo por aquilo que ele faz porque, se você vem para a classe e ele está ali com uma cara de enfado, de ai-meu-deus-o-que-eu-tô-fazendo-aqui, eu também vou pensar a mesma coisa. Então, eu acho que ele tem que ter entusiasmo por aquilo que ele faz. Acho que ele também tem que ter prazer em ensinar porque, senão, (inaudível). Eu acho que ele tem que ser uma pessoa rígida no sentido de “você tem que me entregar isso, eu não exijo menos que isso” e tem que deixar claro, mas eu também acho que ele poderia discutir com a classe e entrar em um consenso do que é exequível, do que é passível. Eu acho que tudo tem que ser deixado bem claro logo de início: o que se espera, como vai ser, um plano montado. Acho que tem que ter em mente já tudo preparado, como ele vai fazer as coisas. É claro que tem os seus desvios, tem as suas idiossincrasias e tal, mas acho que tem que ser isso: uma pessoa dedicada, preparada, aberta, disponível, entusiasmada, apaixonada...

E: Bastante coisa.

AI4: Bastante coisa. Eu sei que talvez seja demais e nem todo mundo reúna.

E: Mas é isso. É o professor ideal. Não necessariamente é o real. Aqui no curso de Tradução, você encontrou algum desses professores que o aluno não tem nem que falar nada ou não?

AI4: Olha, encontrei, sim.

E: No curso de Tradução?

AI4: No curso de Tradução. No curso de Letras, em geral, também. No de Tradução, também. Eu só tive dois professores, mas foram dois professores que eu considero (inaudível). Eu não tenho do que reclamar.

E: Ah, sim. Mas você falou que já houve professores teus que os alunos não eram esperados que dissessem nada.

AI4: É, mas não nesse curso.

E: Ah, sim. Isso era o que eu queria saber.

AI4: Ah, tá. Pensei que você estava falando de como eu idealizava. Não, aqui, absolutamente. Em Tradução, não.

E: Como você falou que acha que não tem didática nenhuma, se você fosse convidada pelo Departamento de Letras, como aluna, a ajudar na elaboração do curso de Tradução, na condução do curso, você gostaria de fazer parte ou não?

AI4: Eu não sei se eu diria “não quero” ou “não gostaria”, mas eu sou sempre assim: eu tento dizer que eu tenho algumas limitações, mas que eu poderia ajudar na medida do possível. Então, se achar que fosse algo que eu pudesse realmente adicionar alguma coisa, eu gostaria, sim.

E: Só mais uma coisa que eu quero saber de você: quando acontece alguma correção em sala de aula, digamos, você dá a sua sugestão e o professor não concorda com você ou o grupo não concorda, como você se sente? Como é essa experiência?

AI4: Eu sou uma pessoa muito tímida. Quando eu falo, eu, às vezes, não estou totalmente segura e, se acontece algo do gênero, eu retraio um pouco. Eu retraio. Eu sinto isso, mas eu tento não levar para o lado pessoal. Eu entendo que correções são necessárias e são bem-vindas. Eu só não gosto que sejam debochados comigo. Então, se você acha que não é isso, você tem todo o direito porque eu também vou dar minha opinião e dizer: “eu não acho que seja assim”. Mas não seja sarcástico comigo, não seja debochado. Faça isso de uma maneira honesta para melhorar, para haver alguma melhora no meu desempenho, porque aí eu acho que fica tranquilo. Posso até me retrair um pouco, ficar mais tímida, mas eu vou aceitar aquilo como uma coisa boa.

E: Está ótimo. Tem alguma coisa que você tenha lembrado, queira falar ou ache interessante?

AI4: Eu acho que é muito difícil só analisar um curso que já está feito e que eu estou inserida, mas eu acho que o curso de Tradução, em geral, funciona bastante bem porque, como eu disse, é global, não é só prático. Tem as questões teóricas, tem que pensar e refletir mais no que você está fazendo, não só fazer. Tem o apoio da literatura, das outras matérias, Teoria da Literatura. Enfim, acho que também é uma relação aberta que a gente mantém aqui, o que eu acho muito bom. Pode ser que eu tenha uma impressão totalmente errada e que algumas pessoas tenham uma impressão totalmente diferente da minha. Pelo menos, a experiência que eu tive foi assim até agora.

E: Está ótimo. Obrigada.

## TN1

E: O que você considera relevante mencionar sobre o seu processo de aprendizagem de tradução como um todo?

TN1: Eu acho que existem duas vertentes muito importantes: uma é a questão da prática e outra é a da teoria. Acho que isso foi bastante importante aqui na faculdade porque inicialmente, eu acho, eu tinha mais uma visão de que eu aprenderia a prática, como fazer a tradução em diferentes áreas, e quais seriam essas áreas. Acho que isso é muito importante, mas acho que também é muito importante aprender, estudar e discutir o que se considera tradução, ou seja, várias questões teóricas, porque acho que quem aprende e discute isso vai acabar usando. Não tem como não usar o que aprendeu e o que considera importante na sua prática. Então, são essas duas questões que acho muito importante serem realizadas, enfim, no aprendizado de tradução: a questão da prática, das diferentes particularidades de tradução e áreas de tradução, e a questão teórica para essas possíveis práticas de tradução.

E: E você acha que, no curso, as duas foram exploradas adequadamente?

TN1: Acho que sim. Acho que poderia ser um pouco mais explorada a questão teórica também. Acho muito importante. A gente tem uma matéria, uma cadeira de teoria, que é ótima, mas eu até sugeriria que tivesse mais uma para que isso fosse mais aprofundado, mais discutido pelos alunos, mais aprofundado mesmo. Mas foi dado, existe a questão teórica. E também, nas próprias aulas de prática de tradução, isso sempre é visto, de uma forma mais leve, mas os professores sempre mencionam a teoria, comentam, até oferecem leituras. Sem ser o foco, mas é dado também.

E: Você acha que uma outra disciplina, um outro módulo de teoria, teria ajudado mais na sua prática profissional hoje em dia, no mercado de trabalho?

TN1: Eu acho que talvez não assim, diretamente. Eu não percebo assim tão claro: “Ah, isso me ajudou”. Acho que talvez ajudasse a ter uma maturidade maior em termos de segurança. Quando você começa a traduzir os seus primeiros textos, a ter mais consciência do que você pretende ou o que não vai fazer de jeito nenhum, essa

consciência teórica, embasamento, e falar: “Eu sei que por esse caminho eu não vou mesmo”. É esse tipo de segurança que eu acho que seria maturidade. Então, é algo um pouco subjetivo. Não é que vá ajudar muito claramente, não é isso, mas é uma questão um pouco mais subjetiva que eu acho que ajudaria, sim.

E: Você acha que tudo o que foi dado de prática foi suficiente para a sua inserção no mercado de trabalho?

TN1: Eu acho que sim. Acho que, se tivesse mais coisa, sempre seria bom porque você está aprendendo, está conhecendo tudo, mas acho que o curso aqui abrange uma série de áreas de tradução bem distintas. Então, o aluno pode escolher. Tem matérias optativas. Ele pode pensar: “Ah, isso aqui não vou fazer, mas vou fazer a outra”. Então, é bastante abrangente.

E: Se os alunos tivessem a oportunidade de elaborar o curso ou interferir na condução do curso de alguma maneira, você gostaria de fazer parte dessa elaboração?

TN1: Gostaria.

E: Por quê?

TN1: Eu acho que eu sou bastante crítica, sempre fui, desde as primeiras matérias. Eu gosto de participar das aulas, mas também de ter uma visão de fora e observar o que não é bom e o que é. Não só do que eu gosto pessoalmente. Observo os alunos, por que essa turma não está gostando do professor: “Ah, eu estou vendo que é por isso”. Eu tenho a sensação de que eu gosto disso, eu faço isso naturalmente: observo, critico. Então, acho que seria interessante. Eu gostaria, em alguns momentos, de poder mesmo refletir e sugerir alguma coisa, uma mudança. Isso foi feito um pouco aqui. Teve uma reformulação de currículo. Então, os professores de tradução chamaram alguns alunos para comentar justamente isso: o que eles achavam das matérias, o que era interessante, se tinha alguma coisa para tirar em termos de matéria na área de tradução ou não. Eu participei disso e foi interessante porque os alunos falaram um pouco sobre o que achavam mais importante, se deveria ter mais matérias de tradução ou mais uma matéria teórica. A gente chegou a comentar isso. Então, acho que foi importante.

E: E você foi convidada pessoalmente ou foi um convite feito à turma e quem se candidatou foi lá e...

TN1: Olha, eu não me lembro. Eu acho que não foi à turma, não. Foram só alguns alunos a essa reunião com os professores. Então, acho que eles selecionaram alguns alunos para ir. Na minha lembrança, foi isso.

E: Você acha que se fosse um convite aberto à turma, muitas ou poucas pessoas se interessariam em fazer isso?

TN1: Não sei. Acho que nem todos se interessariam, mas talvez alguns, sim. Porque, eu não sei se foi isso que aconteceu, mas eu tenho a impressão que os professores tenham chamado alunos ou mais participativos ou que se dediquem mais nas áreas. Então, talvez tivessem alguma coisa a dizer. Talvez tenha sido esse o critério. Mas, talvez alguns outros mais tímidos pudessem eventualmente participar. Também não sei se iam querer participar.

E: No momento em que você escolheu o curso e decidiu: “Ah, eu vou fazer o curso aqui dessa universidade”, você tinha uma expectativa. Essa expectativa foi atendida até o final do curso?

TN1: Foi. Na verdade, eu tive várias surpresas. Primeiro, eu achei que eu teria muita dificuldade e não foi isso o que aconteceu. Pelo contrário, vi que tinha muita coisa que eu era capaz de fazer e desenvolver. Isso, claro, foram os professores, as matérias, os professores que me incentivaram a isso. Então, de chegar e achar que seria algo muito difícil e depois ver que não era bem isso, mas que era, sim, complexo, que precisava de muito estudo, mas que eu poderia fazer tranquilamente. Então, isso foi, por

exemplo, uma surpresa, uma mudança. E aí, depois talvez do primeiro ou segundo período, de conhecer como é a estrutura da universidade, como são as matérias, como são os professores, de estar mais inserida, aí ficou tudo muito mais fácil. “Ah, eu já sei onde estou inserida e agora é só realmente trabalhar e estudar. Aí as expectativas já foram mais sem maiores surpresas.

E: E você se lembra do por que achou que ia ter dificuldade?

TN1: Eu acho que a questão do inglês. Sempre gostei muito de francês e espanhol. O inglês era uma língua que eu conhecia, mas sem muito estudo, assim, mais aprofundado. E achei que: “Ah, tradução vai ser algo muito puxado” e eu teria maiores dificuldades. E não tive. No início, fui superando e, depois, fiquei muito bem em termos de resultado. Eu acho que eu tinha um receio disso, de “como é que eu vou trabalhar com um idioma que eu conheço, mas nem gosto tanto?”. Tinha um pouco de medo. Hoje em dia, eu conheço e gosto muito mais, adoro e gosto de estudar mesmo, mas acho que eu tinha um pouco disso, de receio, de achar que eu precisaria de um nível de muito aprofundamento e que eu não tinha.

E: E você atribuiria essa sua confiança a partir de um certo momento do curso a alguma questão, a alguma coisa que aconteceu, à postura dos professores...?

TN1: É. Eu atribuiria, sim, aos meus resultados mesmo, mas sempre pelo retorno dos professores, não só de notas, mas ao retorno mesmo, deles me incentivarem, de, quando eu fazia bons trabalhos, comentarem. Então, esse tipo de reconhecimento fez com que eu percebesse melhor as minhas capacidades. Esse retorno dos professores, sim, acho que é muito importante.

E: A sua dificuldade me parece que era atribuída a um conhecimento que você acreditava não ter o suficiente sobre a língua inglesa.

TN1: É.

E: Você acha que para traduzir, agora que você já superou esse medo, digamos, para traduzir de uma determinada língua para outra, você que tem experiência de duas línguas... Em francês, você é fluente. No inglês, quando você começou...

TN1: Não, não era.

E: Era uma aluna avançada?

TN1: É.

E: Você conhecer, de fato, uma língua, e conhecer a sua própria língua. Quanto você acha que isso é importante nesse processo? Ou agora você vê que não, que existem outras coisas que influenciam esse processo tradutório? O que pesa mais? Você não se considerava tão proficiente, vamos dizer assim, no inglês, mas conseguiu traduzir. Que coisas entraram aí nesse processo que te ajudaram? Quer dizer, não foi só o conhecimento da língua. O que mais te influenciou?

TN1: Uma coisa que eu percebo claramente comigo, na minha experiência pessoal, é que eu sinto que tenho uma grande capacidade, traduzo bem, desenvolvo bem os trabalhos também dentro da faculdade, em tradução, pelo meu conhecimento do português. E eu não tinha essa noção antes de começar a fazer, como é muito importante para uma boa tradução, para traduzir, para fazer com mais facilidade, o conhecimento profundo da sua língua, o português. Eu sempre fui muito boa em português e aqui estudei mais, e achava isso meio... “Ah, todo mundo deveria ser assim”. E eu vejo que não é. Eu vejo que algumas pessoas que têm mais dificuldade com o português e, às vezes, são fluentes em inglês, por exemplo, têm dificuldade em tradução, que eu não tenho. Então, hoje, eu percebo que ainda tenho algumas dificuldades em inglês, por exemplo, não sou fluente como uma bilíngue, não sou, mas o meu conhecimento não só da língua, do português, mas da cultura, para você poder escrever bem o português, chega a ser, acho que é mais importante do que uma fluência total numa língua, no



inglês, por exemplo. Eu sinto isso. E sinto que eu talvez não tenha nunca uma fluência no inglês porque, para mim, é realmente uma segunda língua, não sou bilíngüe. Acho que o meu diferencial seria esse: um conhecimento profundo, acima da média em relação aos outros, do português mesmo.

E: Você me falou que, ao longo do curso, foi alcançando bons resultados nessas suas traduções. Como você mediu esse resultado? O que te deu a certeza de que estava fazendo uma boa tradução?

TN1: A lembrança, por exemplo, que eu tive da primeira matéria de tradução, que foi Introdução à Tradução, foi interessante porque eu nunca tinha traduzido nada, assim: “Vou traduzir um texto”. A gente começou a fazer esses primeiros textos e, com o retorno da professora, comecei a perceber que seria uma boa tradução, o meu texto estava muito bom, muito bem escrito em português. Então, independente de fazer uma análise, “ah, traduziu bem, traduziu corretamente esses termos aqui ou não”, mas o texto era bem escrito, era fluido, era bom de ler. Isso eu fui tendo um retorno de: “Ah, você fez muito bem”, até independente de comparação com o original e com o resultado. Acho que foi essa a primeira percepção que eu tive de que uma tradução é boa, de que eu tinha conseguido realizar bem, era um texto bom, bem escrito, fluente, também que tinha uma linguagem adequada, por exemplo, se era um texto jornalístico, então tinha uma linguagem adequada a um texto jornalístico; se era um texto mais formal, ele ficava com uma linguagem mais adequada. Acho que foi essa a primeira percepção que eu tive.

E: E você acha que essa habilidade é algo que se possa ensinar?

TN1: Eu acho que sim porque eu acho que, talvez até para mim, tenha sido mais fácil desde o início, assim: “Ah, consegui fazer isso bem”. Mas acho que muitos alunos chegam não tendo essa percepção, fazendo coisa muito formal quando não é, ou coisas assim e eu acho que isso possa ser ensinado, sim, em termos de estrutura do texto. Eu acho que isso, em tradução, e não só em tradução, em redação de textos, em aulas de português, que a gente tem aqui também as aulas de português, em que você tem que ensinar isso, como escrever um bom texto, como ver incoerências no texto, todo esse tipo de coisa que é fundamental para a tradução também.

E: E você adotou alguma estratégia que você se lembre para aprender mais, para aprender melhor?

TN1: Talvez algumas coisas. Eu acho que, depois de fazer algumas outras matérias, principalmente Tradução Literária, que é o que eu mais gosto e também pretendo fazer, acho que eu fui ficando mais atenta e também lendo mais em inglês. Lendo mais e atenta a como o escritor tal escreve em inglês. E aí, eu fui vendo que tantas palavras que, inicialmente, para mim eram desconhecidas, que às vezes tinha que olhar no dicionário para ver o que era, com mais leitura, fui vendo como aquelas palavras se repetiam o tempo todo nos textos de autores diferentes. Eu senti que inicialmente eu tinha pouca leitura, pouca prática de ler em inglês. Então, percebi isso e fui buscando ler mais em inglês e foi ótimo porque é um prazer ficar lendo textos literários, mas com mais atenção, de “Ah, eu vou ler isso aqui em inglês para tentar adquirir mais vocabulário, mais fluidez dentro da língua. Foi uma coisa que fui percebendo e fui tentando fazer e continuo fazendo a leitura, agora com mais frequência.

E: Você gostava da forma como as aulas eram dadas?

TN1: Sim, acho que sempre gostei. Eu vejo que, já percebi isso em alguns alunos, eles têm algumas dificuldades em aula de tradução porque, em geral, é muito assim, tem um texto a ser traduzido e, em aula, fica-se discutindo quais são as opções dos alunos para cada tradução, seja para uma palavra, uma frase... E tem alunos que não suportam

isso. Eles ficam assim: “Mas que coisa chata ficar vendo se essa palavra aqui é essa ou é essa. Sei lá, tanto faz.” Mas a aula de tradução é muito isso. Não é para dizer se está certo ou se está errado, mas para ver quais foram as ideias dos alunos. Desde o início, eu sempre achei isso muito interessante. Eu gostava disso e achava que isso enriquecia o que eu tinha feito e também o que eu pensava sobre a tradução. Então, eu acho que eu aprendi com essas aulas e que eu gostei disso, mas eu vejo que alguns alunos não se adaptam muito ao ensino de tradução dessa forma.

E: Essa era a prática mais comum da dinâmica da aula?

TN1: Acho que sim. Em geral, dá-se algum texto para traduzir e, durante a aula, comentar as opções dos alunos. Isso nas matérias mais diferentes: Tradução Técnica, Tradução de Ficção, ou até Introdução à Tradução. Isso é uma forma dos professores e que eu vejo que é a maneira mais adequada.

E: Funciona?

TN1: Funciona. Só vejo que alguns alunos, não é que eles não saibam fazer, mas eles não gostam, não se adaptam, talvez.

E: E por que será? Você atribuiria a um... Sentem que estão perdendo tempo, que é chato?

TN1: Eu já vi alguns colegas comentando assim: “Ah, mas para que ficar discutindo isso? Para que discutir se eu botei essa palavra e você botou aquela?”, como assim: “que coisa chata”, mas talvez não percebendo que não está discutindo só uma palavrinha, não é isso. É tentar conhecer melhor a própria língua, o português, quais são as opções que a gente tem de uso. Talvez a aula seja mais objetiva, mas a ideia é você ter mais conhecimento da sua própria língua também.

E: Teria alguma coisa que você acha que poderia ser melhorado, poderia, pelo menos, ser diferente, seria melhor se fosse diferente alguma questão da aula na prática?

TN1: Não tenho ideia realmente. Talvez, acho que já falei, que é... às vezes é difícil isso, mas, assim, ter mais posicionamentos teóricos, ter mais inserções, mesmo em aulas bem práticas, questionamentos maiores, sempre trazendo mais um pouquinho questões teóricas de outros professores, pensadores sobre o assunto para os alunos começarem a pensar sobre isso.

E: Qual você acha que é o papel do professor no ensino de tradução?

TN1: Acho que seria abrir o caminho, de mostrar o que existe, até mesmo porque eu, por exemplo, e muitos alunos não sabem o que existe: tradução de legendagem, de informática, de ficção, enfim. Mostrar esses mundos porque são áreas novas para os alunos e, a partir disso, orientar, guiar, no sentido de ver o que um aluno está fazendo, ver se ele vai bem naquilo e dar mais orientações, ou ver se ele não está bem naquilo e tentar levá-lo para outro caminho, esse tipo de orientação.

E: Qual deve ser o perfil do aluno de tradução para que ele tenha a melhor preparação para se inserir nesse mercado?

TN1: Hoje eu vejo que o mercado é bastante amplo. O meu ideal, que eu imagino, é um aluno dedicado e que gosta de estudar, de ler muito, que se interessa pelas coisas, porque acho que o tradutor é aquela pessoa que tem que se interessar por tudo, para ter bastante conhecimento, porque ele pode fazer qualquer coisa. Então, ele tem que ser uma pessoa que se interesse pelo mundo e por estudar porque ele tudo pode aproveitar pro seu trabalho. Mas tem muitas áreas específicas, mais técnicas. Então, vejo que nem todos os alunos são assim. Acho que seria um ideal mais geral e, aí, cada um, obviamente, vai no que mais se identifica. Mas, para mim, seria um ideal do tradutor.

E: Pro professor, qual você acha que deve ser o aluno de tradução ideal? Se você se pusesse no lugar do professor, qual seria o aluno que você gostaria de ter, de que tipo?

TN1: Eu acho que o aluno que participa dessa questão que a gente falou das aulas como são, de mostrar o seu texto, de comentar... É o aluno que, enfim, estuda e tudo, mas que apresenta questões e que participa, mostrando suas ideias e comentando também as outras ideias. Acho que um aluno interessado e participante das aulas.

E: Você acha que o fato dele ser interessado e participativo na aula indica que ele será um tradutor mais autônomo, porque o tradutor acaba, muitas vezes, tendo que solucionar uma série de questões sozinho. Esse perfil mais participativo, mais autônomo, em sala de aula, você acha que gera um tradutor assim?

TN1: Não necessariamente. Eu falei de “participativo” porque eu acho que, para o professor, em sala de aula, seria o ideal. Mas, eu vejo, por exemplo, que vários alunos não participam até porque são tímidos, nem falam, por timidez mesmo, e são ótimos alunos, fazem ótimas traduções. Essa pessoa pode ser um ótimo tradutor, embora não seja muito participativa e comunicativa, mas eu acho que os alunos em geral se mostram interessados e participativos porque estão buscando as questões, estão falando suas dúvidas, e aí esse é um perfil que eu acho importante para o tradutor, de estar questionando, seja a ele mesmo ou aos outros, perguntando e falando o que fez, por que fez, o que deixou de fazer, mas não necessariamente. Às vezes, um aluno que não participa muito nas aulas também pode ser um ótimo tradutor e um ótimo aluno, mesmo sem ter essa presença nas aulas.

E: Tem mais alguma coisa que você ache importante falar sobre o seu processo de aprendizagem de tradução? Algo que eu não tenha mencionado, mas que você ache que valha a pena ser dito?

TN1: Como eu estou agora começando a trabalhar com isso e já fiz duas traduções de livro, é algo que eu vejo que já sabia teoricamente e estou vendo na prática, que com todo estudo e com toda a fundamentação que você tenha, tem momentos em que você está fazendo o seu trabalho e você vai ficar em dúvidas incríveis, dúvidas que você jamais achou que teria, dúvidas até mais objetivas, de gramática, mas isso você acaba resolvendo com mais facilidade, mas dúvidas mais teóricas, mais especiais. Fiquei um pouco assim nesses trabalhos que eu fiz agora de tradução literária. Questões do tipo: “Vou traduzir essa palavra por uma do português mesmo ou vou manter essa que, na verdade, a gente usa aqui, mas é um anglicismo?”. E a gente pára para ficar pensando nisso e pensa: “Nossa! Não acredito que eu estou aqui parada pensando nisso. Eu achei que já estava mais resolvido.” É isso. Você estuda muito, e é fundamental estudar, mas, na prática, você vai estar sempre se questionando, se deparar com coisas que achou que sabia, mas que, na verdade, não tem uma posição definida e, aí, tem que estudar mais. Então, acho que o tradutor é um estudo contínuo e uma prática também de se questionar continuamente.

E: Você acha, então, que é impossível para o professor munir o aluno de tudo que ele precisa?

TN1: Acho que sim, é impossível munir. Você não sai completa. “Eu terminei isso aqui, a faculdade, muito bem, então sou uma tradutora boa, completa.” Não, de jeito nenhum. Sai com todas as ferramentas e, também, com experiência, tendo adquirido alguma maturidade em várias áreas e assuntos, mas você vai, na verdade, começar, quem vai começar a trabalhar, a se deparar com uma série de questões que vai ter que resolver.

E: E o que seria essencial para o professor tentar desenvolver no aluno já que ele não tem condições de dar tudo?

TN1: Eu acho que até além de dar toda a base, as possibilidades do que o aluno irá fazer no futuro, é que esse tradutor tenha consciência disso, de que ele não está pronto, e sabe fazer com o que aprendeu. Não é assim tão simples. Quando ele se deparar com

questões em que ele pode ficar em crise, ter alguns mecanismos aos quais ele possa recorrer para tentar fazer o melhor possível. Acho que ele tem que ter mesmo a base para dizer: “Isso aqui eu sei que não é o mais adequado, segundo tudo o que eu já estudei e pesquisei, mas o adequado eu não sei, então deixa eu estudar mais”. Mas ter alguma base do que não é o adequado. Realmente, acho que é dar a base e os meios para que o tradutor possa se desenvolver depois sozinho.

E: Obrigada.

## TN2

E: O que você considera importante mencionar sobre o seu processo de tradução (sic) como um todo?

TN2: O meu processo quando eu estou traduzindo?

E: Não. Seu processo de aprendizagem?

TN2: Ah, de aprendizagem.

E: Isso.

TN2: O que eu achei muito legal na minha faculdade foi que a gente passou por diversas áreas: passou pela jurídica, pela legendagem, pela ficção... Eu acho muito importante que a gente passe mesmo por todos esses tipos diferentes, até porque a gente entra meio sem saber para onde a gente vai. O que eu acho que me fez falta foi aprofundar. Eu achava que seis meses era muito pouco para cada uma delas. Tinha algumas, tipo a própria tradução técnica, que a gente tinha duas vezes. E mesmo assim, eu achava que era pouco porque, por exemplo, eu me encontrei na tradução técnica. Eu fiz cinco anos. São quatro, mas eu fiz cinco (inaudível). Esses quatro anos de faculdade, eu achei que só um ano vendo tradução técnica, só uma aula foi muito pouco. Mas, eu acho que foi muito importante que nos fossem mostradas todas essas opções, os caminhos que a gente pudesse seguir. Eu acho que as aulas teóricas são muito importantes por uma questão de criar consciência na escrita. Bem ou mal, é uma coisa muito prática a tradução. Às vezes, você faz no automático - mais a técnica, que é a minha visão, eu trabalho com isso - mas eu acho legal que a gente tenha uma consciência de que a gente pense naquilo como um trabalho que a gente está realizando sem ser uma coisa só mecânica, mas que atrás daquilo ali tem uma consciência, as escolhas que a gente faz. A gente faz muitas escolhas que a gente não tem nem ideia que a gente está fazendo na hora que a gente está traduzindo. A gente tem que ser fiel ao tradutor (sic). Eu aqui, por exemplo: a gente tem que ser fiel às exigências do cliente, ser fiel ao que minha chefe instrui a gente a seguir, tem que ser fiel ao texto, que a gente não pode fugir muito porque está lidando com invenções. Então, são um milhão de escolhas que a gente está fazendo ali e que a gente não tem consciência quando a gente está só no corrido, no dia-a-dia. Eu acho que o estudo da teoria da tradução faz isso: você ter consciência daquele processo todo que se passa na sua mente e nem tem consciência quando você está correndo, no dia-a-dia.

E: Você acha que esse “automático” - você falou que traduz, às vezes, no automático – você acha que sempre foi assim ou isso surgiu por você trabalhar sempre na mesma área?

TN2: Certamente. No começo, como é uma coisa muito específica traduzir (inaudível), todo mundo fica: “Meu Deus, o que é isso? Onde estou? O que estou fazendo? O que eu estou traduzindo?”. No começo, você fica pensando muito, pesquisando demais, escrevendo cada frase com o maior cuidado do mundo, mas, com o tempo, você vai adquirindo um conhecimento das técnicas, técnica mesmo, de metalurgia, mecânica, de biomedicina (inaudível) e tem uma hora que começa a ficar

super mecânico porque você já tem um conhecimento e está na veia. Parece que sai. Você vai escrevendo e sai. Tem uns outros trabalhos que chegam super difíceis e parece que volta para o comecinho, aquele negócio que você nunca viu na vida, então, está começando. Eu acho que tem muito disso, sim. A gente percebe isso quando vem um trabalho muito novo para a gente. A gente volta a ficar devagar, a gente faz cinco mil palavras numa tarde e, às vezes, o trabalho é tão difícil que a gente faz mil num dia de tanta pesquisa que aquilo exige.

E: Você acha que é possível o aluno sair da universidade já com esse *feeling* do automático ou você acha que só se pega na prática mesmo, depois que ele entra no mercado?

TN2: Sinceramente, eu acho que a tradução dá um preparo, ela mostra para você como vai ser o mercado, mas acho que a prática mesmo você só pega, pelo menos comigo foi assim, eu peguei a prática mesmo quando eu entrei no mercado, quando eu tinha prazo, quando eu tinha meta para cumprir, que aí eu peguei mesmo a coisa. Mas, para mim, eu acredito que é indispensável o estudo da tradução. Eu não acho que tinha que ser uma profissão do tipo “Ah, sei falar inglês, então vou traduzir”. É indispensável, mas eu acho que, realmente, te dá um preparo para você encarar o mercado.

E: Por isso que você acha que é indispensável?

TN2: Eu acho indispensável.

E: Já que não dá, nesses quatro anos, para os professores munirem os alunos com essa prática intensa em todas as áreas – impossível, né? - o que você acha importante que o professor tente desenvolver no aluno?

TN2: O que eu notei – os professores, inclusive, falavam isso várias vezes – que eles passavam uma tradução e a gente falava: “Ah, mas é muita coisa”. Ele falava: “Gente, vocês não têm noção do que eu já fiz na minha vida quando eu era aluno”. Eu acho que os alunos são pouco cobrados. Eu acho que, se eu estivesse na posição do aluno, eu ia falar: “Ah, professor, é muita coisa”. Mas eu vejo, hoje em dia, que, se a gente tivesse tido mais carga de prática, de passar mais trabalhos mesmo, mais traduções – é que realmente é complicado para correções e tudo o mais – mas eu acho que, se a gente fosse exigido mais, se a gente tivesse mais coisa para levar para casa e traduzir, se a gente vivesse um pouco, seria mais palpável o que a gente vive no mercado. Isso é uma coisa que podia ser modificada. Eu acho que os alunos estão mal acostumados. Acho que a gente tem mesmo que trabalhar mais porque o mercado exige muito mais do que a gente faz na sala de aula e a gente tem que estar preparado para isso. Então, eu acho que tem que ter muito trabalho mesmo para você perceber que depois vai ter muito mais ainda. Eu acho que essa modificação podia ocorrer.

E: E o que mais um professor deveria fazer? O professor ideal, como seria ele?

TN2: Eu posso até citar um nome. O Professor 3 tem um método muito bom: a gente levava as traduções para a sala e ele ia discutindo os pontos complexos e problemáticos da tradução. Todo mundo ia falando as suas soluções e ele discutia as soluções diversas. Sempre têm soluções muito diferentes, porque cada tradutor tem um ponto de vista, interpreta de uma maneira, e eu achava o método de aula dele muito eficiente porque a gente fazia em grupo a correção daquilo e todo mundo via diversas soluções. Ele discutia muitas delas: “Não, isso aí que você está falando é um absurdo, não existe, completamente errado”. Outras, ele pegava: “Isso aqui pode ser, isso aqui também pode ser, têm várias soluções que cabem nesse caso”. Então, a gente via muitas maneiras diferentes de solucionar o problema. Eu acho que isso também vai condicionando a sua cabeça de tradutor, de ver quantas traduções diferentes têm para aquela mesma coisa. Eu achava esse método de aula excelente: ele pegava uma tradução e ia todo mundo discutindo ela junto. Lógico que isso não dá para fazer com todas as

traduções de todo mundo, mas, estando todo mundo na sala, você não precisa falar da sua, mas, com certeza, alguém botou algo parecido que você já pode adaptar. Para mim, era a aula mais eficiente, um método que, pelo menos para mim e para as pessoas com quem eu convivi, funcionava muito bem. Não sei o que mais você pode adicionar, não pensei a respeito, mas, a princípio, acho que a aula dele era ideal. Acho que era muito boa.

E: Se você fosse descrever esse professor ideal em uma palavra, que palavra seria?

TN2: Nossa, que difícil! (pausa) Uma palavra para descrever ele?

E: Têm vários tipos de professor. Tem um que é mais orientador, um é mais democrático, o outro aceita menos as soluções dos alunos. Não necessariamente esse professor, mas um professor ideal. Como deveria ser?

TN2: Acho que democrático é o ideal. Isso define ele muito bem porque ele pegava muitas ideias diferentes e aceitava como certas. Ele não chegava: “Olha, gente, é isso. É isso aqui que vocês tinham que ter colocado”. Era justamente isso que ele não fazia. A aula dele era justamente o oposto disso. Ele chegava lá para ver quais eram as diferentes soluções que tinham para aquilo tudo que a gente via. Então, acho que democrático ele era e, sem dúvida, ideal, porque obviamente não tem, realmente, uma solução só. Acho que faz parte de criar essa consciência que eu acho que a gente cria na aula teórica também é de você ver isso tudo, todo esse leque de opções. Isso também cria consciência no tradutor.

E: E como seria o aluno ideal?

TN2: Acho que seria o aluno que aceita mesmo uma carga maior de trabalho e o aluno que, realmente, traz as traduções feitas, porque não adianta nada o professor passar o trabalho e você não trazer na outra aula, porque você não aprende nada, o professor teve o trabalho à toa de selecionar aquele texto, de ver, de pesquisar, porque ele provavelmente já traduziu aquilo antes, quando ele traz para a sala de aula. Eu acho que o aluno tem que trazer pronto de casa. Ele tem que vir com aquilo. Tem muito aluno que eu acho que é prepotente, que fica bravo quando o professor fala que está errado, que não aceita outras soluções. Isso também é horrível, está indo contra tudo que o professor quer ensinar. Eu acho que o aluno tem que vir com as coisas feitas, tem que estar disponível para ver soluções diferentes da que ele fez, das coisas que ele fez e eu acho que ele tem que estar disposto a correr atrás e a batalhar porque tradução é isso: é correr atrás e traduzir muito. O mercado é assim mesmo. Se você for lento, você fica para trás.

E: Você se lembra de alguma estratégia que você adotava para aprender mais ou aprender melhor?

TN2: O que eu acho que eu fazia que funcionava muito para mim era, justamente, não deixar de fazer tudo o que era passado. Eu ficava louca para dar conta de tudo, mas eu dava porque eu achava importante aquilo. Se eu chegava no dia seguinte sem a minha tradução, eu não conseguia acompanhar a aula. Mesmo que eu não estivesse indo bem, que eu estivesse com muita dificuldade, que a tradução não estivesse saindo bem, eu fazia. Eu, pelo menos, lia a tradução inteira para eu chegar na aula no dia seguinte sabendo do que se tratava porque, senão, era mais fácil nem ir porque não adiantava nada. Então, não tinha uma técnica específica. Eu só não deixava de, pelo menos, tentar, por mais que a minha dificuldade fosse grande. E aconteceu muitas vezes. No começo, nas aulas do Professor 3, ele passava textos que pareciam ser muito fáceis, mas eram muito capciosos e a gente trabalhava muito em cima daquilo. Era muito difícil (inaudível), mas é assim mesmo, está aprendendo. Eu errava mesmo. Ele via meus erros porque eu entregava os meus trabalhos, mas toda aula minha tradução estava lá, porque

eu tentava. Eu estava ali tentando. Eu errava, depois acertava, errava de novo e acertava. Acho que tem que ir tentando, senão você não sai do lugar.

E: Como você se sentia ao ver que cometeu um erro?

TN2: Às vezes, nossa, eu me sentia muito mal porque eu ficava: “Gente, que erro foi esse? Que coisa boba”. Às vezes, falta de revisão que é outra coisa que você vai vendo com o tempo que é muito necessário. Não tem como o texto estar sem revisão. Às vezes, eu me sentia muito mal. Falava: “Gente, eu nunca vou me dar bem nessa profissão. Eu estou no lugar errado. O que é isso?” Depois, você vai vendo que é uma questão de aprender mesmo, de prática, de ir tentando. Aí, você vai vendo que, no próximo texto, vai aparecer aquilo que você errou e você já vai: “Pôxa, eu errei isso. Não vou errar de novo.” Você pode fazer um glossário. Eu fazia um glossarozinho com coisas que eu errei que era erro por falta de aprendizado mesmo, que eu ainda não tinha aprendido aquilo. Eu ia juntando um glossarozinho com os meus erros que eu achava que eu poderia cometer de novo. Eu botava os meus errinhos sem o professor pedir. Eu ia fazendo um glossarozinho meu. Tinham uns que eu lembrava naturalmente na próxima tradução e outros que eu precisava realmente voltar para ver se eu tinha corrido, se estava lá no meu glossário. Eu ia fazendo assim. Fazia troca com os colegas. A gente trocava. “Pôxa, você lembra disso?” Ligava, mandava e-mail. “Você lembra como é que foi isso?” Tinha muitos amigos que eram assim que nem eu. A gente fazia tudo certinho. Então, a gente ficava trocando muito também.

E: Você acha que saiu de lá bem preparada para entrar no mercado?

TN2: Eu não diria bem preparada. Eu acho que realmente falta mais prática. Falta mais tradução porque a gente ficava muito dividido entre estudar literatura inglesa, literatura americana, literatura portuguesa e aula de apresentação oral. Então, era muita coisa e a tradução ficava pouca. Eu acho que o curso de tradução é muito mais Letras do que Tradução. Acho que podia ser mais Tradução e um pouquinho menos (sic). Acho que tem muitas matérias que eu acho desnecessárias. Eu acho que poderiam entrar várias outras de Tradução no lugar. Até, por exemplo, a nossa primeira matéria de tradução com a Professora 1, que é aquela que é mais geral, podia ter duas dessa, como a gente tem Português Padrão I, Português Padrão II, podia ter Tradução, uma primeira, uma básica, uma intermediária, uma avançada e, depois, começar Legendagem... Eu não saí bem preparada. Eu fiquei bem preparada quando eu entrei no mercado. Mas eu acho que é um preparo que te tira do cru. Prepara, mas não é um preparo maravilhoso. A gente sofre até um pouquinho quando a gente chega no estágio obrigatório. As pessoas ficam desesperadas: “Caraca, tem que fazer sei lá quantas mil palavras”. Depois você vê, quando está no mercado de trabalho, que aquilo ali era uma bobeira, que aquilo ali você faria em um dia. Então, eu acho que, justamente, essa diferença é grande, porque chega no estágio fazendo uma coisa que você não está acostumado a fazer no curso. Então, eu acho que precisa de uma coisa mais para Tradução que para Letras em geral.

E: E o que mais te agradou no curso e o que mais te desagradou?

TN2: Você diz na parte da Tradução mesmo?

E: É.

TN2: Me agradou muito isso de... (entrevista interrompida)

E: Você gostaria de ter tido mais participação na elaboração do curso, na condução do curso, tipo escolha de textos, da dinâmica, avaliação, esse tipo de coisa?

TN2: Gostaria, sim. A gente até fez uma vez uma reunião com os professores a respeito da modificação do curso e eu fui, porque eu queria muito falar as coisas que eu pensava. Fomos eu e mais cinco pessoas de todo o departamento que foi convidado. E foi muito legal a reunião porque... Até foi legal que fomos só nós porque não ficou uma zona, a gente conseguiu conversar muito. A gente falou para eles tudo o que a gente

achava que precisava ser reformulado, como a gente achava que devia ser a avaliação, que aulas achava que eram dispensáveis. A gente chegou a mencionar de achar que era muito Letras e pouco Tradução. Eu gostaria, sim, de ter tido isso antes. Isso foi só no final do curso. Eu gostaria, sim, de ter participado mais, de ter dado as minhas opiniões. Se isso tivesse sido feito antes, acho que a gente teria até conseguido viver essas modificações. Acho que quem vai ver mais são os alunos futuros porque a gente já estava quase saindo. Eu estava no penúltimo período, eu acho.

E: E se fosse uma coisa semanal? Você escolherem textos, vocês...

TN2: Ótimo.

E: Você gostaria?

TN2: Se a gente fizesse isso em conjunto com o professor... acho maravilhoso. Acho ideal. Acho que é um passo a mais para os alunos se interessarem, para o professor saber exatamente qual é o interesse dos alunos. A aula fica muito melhor, sem dúvida. Eu teria ido toda semana, com certeza.

E: O que você acha que isso traria de benefício?

TN2: Eu acho que os alunos iam ficar realmente mais interessados, acho que teria um envolvimento maior, um comprometimento maior da turma com o professor. Quando você cria esse envolvimento de sala, uma coisa que você está escolhendo com ele, um processo que você está vivendo com ele, isso compromete o aluno com o professor. Eu sempre tive curiosidade de saber como o professor escolhia aqueles textos, qual era o critério dele. Eu gostaria de fazer parte dessa escolha, de saber quais os critérios que ele usava, de saber se ele estudava o perfil dos alunos, como é que era, e eu acho que ia gerar uma cooperação que eu acho que ia gerar interesse nos alunos e, conseqüentemente, as pessoas iam querer traduzir, iam querer ver como ia ficar aquela tradução, iam querer trocar mais. Acho que isso ia gerar um conhecimento maior. O conhecimento ia acho que passear mais na turma e até para unir mais a turma porque Tradução é um povo desunido, eu acho. Pelo menos, eu sempre fui uma das que viviam passeando nos grupos. Eram grupos separados. Eu ficava caminhando nos grupos. As pessoas não se falavam. Eu acho que isso ia unir a turma e turma que se une tem vantagens. Você troca muito mais. Eu digo por experiência porque aqui (se referindo ao local de trabalho, onde a entrevista foi realizada) a gente vive muito isso: a troca é muito importante, muito. Aqui a gente coopera muito um com o outro. A gente está sempre trocando, perguntando, vendo o que o outro acha, e isso é muito importante no mundo da Tradução. É o princípio do (inaudível), aquele site, que é um site de cooperação com todas as pessoas cooperando. Acho isso importantíssimo. Isso ia gerar uma cooperação principalmente entre os alunos e, conseqüentemente, com o professor. Acho que isso é muito importante.

E: Obrigada.

### TN3

E: O que você considera importante mencionar sobre o seu processo de aprendizagem de tradução como um todo, qualquer observação que você queira fazer?

TN3: O que eu vejo que eu tenho e que a tem e que outros tradutores que não se formaram não têm é o cuidado na hora de traduzir. É uma atenção que, eu acho, é muito didática, acho que foi ensinada para a gente, uma atenção de não pular parágrafo, uma atenção de ver bem as palavras que você está usando, tomar cuidado com duplo sentido. Esse tipo de cuidado foi bem ensinado na faculdade. Eu vejo que tradutores que não têm formação não têm. Acho que é basicamente isso.



E: Você vê alguma outra diferença entre um tradutor autodidata e um tradutor que frequentou um curso de formação?

TN3: Eu vejo muito isso de cuidado na hora de traduzir e eu acho que... Eu não sei se tem a ver um pouco... Segurança mesmo. Muito tradutor pergunta muito, fica incerto se o que ele está entendendo está correto ou não e, quando você tem uma base acadêmica, te deixa mais seguro.

E: E como você acha que a formação em si desenvolve essa segurança?

TN3: Você saber que ensinaram aquilo para você. Você não está pegando as coisas no ar. Aquilo foi passado por pessoas experientes, pessoas que fazem isso há anos, pessoas renomadas. Isso ajuda bastante.

E: Qual é o professor de tradução ideal?

TN3: Eu acho que é o que deixa o aluno livre na hora de traduzir, mas que faz o papel de revisor, de ver a tradução com o aluno. Tive um professor que fazia isso. A gente traduzia em casa, voltava para a sala e cada aluno lia um trecho da própria tradução. Era meio que essa parte de revisão: quem está bom, quem não está, por quê.

E: E o aluno ideal?

TN3: Nossa! Difícil! O que lê os textos teóricos, que também são importantes. Eu nunca dei importância. Hoje em dia que eu... devia ter prestado mais atenção nisso. Acho que dedicação mesmo e prática. Fazer tudo o que eles mandam. Todos os textos que eles mandam tem que fazer porque é a prática mesmo.

E: Você disse que os textos teóricos fizeram um pouco de falta para você. Em que sentido? Como fez falta? Como você observa isso?

TN3: Na faculdade, eu nem lembro o autor, a gente leu, eu li mais ou menos, “*Traduttore, traditore*”, acho que era isso. “Tradutor, traidor”. Era um texto teórico muito bom e que, às vezes, eu me pego assim: “Ah, eu estou modificando muito o texto? Eu estou dentro do que o cara está falando? Posso fazer essa modificação?”. Acho que essas discussões em sala de aula me fazem um pouco de falta, sim, na hora em que estou traduzindo.

E: Como o professor pode propiciar a aprendizagem? O que ele pode fazer para ajudar?

TN3: Como tradução não é cálculo, passar as experiências dele: o que ele já vivenciou, o que ele aprendeu, o que deu certo no processo de trabalho dele. Passar isso adiante é uma boa forma de ajudar.

E: O que mais te agradou no curso e o que mais te desagradou? Por quê?

TN3: Eu acho que as avaliações me desagradaram um pouco porque é muito difícil você avaliar uma tradução. Tem coisa que é do seu gosto pessoal e isso entra na pontuação ou não entra? Isso sempre gerava um burburinho. E o que mais me agradou? Eu não sei. Acho que ter contato com tradutores experientes, que mostraram mesmo o que é a profissão, como exercer, o que era certo e o que não era. Eu gostei disso de ter referência.

E: Se você pudesse fazer parte da elaboração do curso: escolher textos, como seria a avaliação, como tudo se encaminharia. Você gostaria de ter essa participação?

TN3: Eu acho que não, até porque eu vejo o currículo da PUC e eu não sei muito no que eu mexeria. Eu não consigo enxergar o que pode mudar. É um bom currículo e, se eu pudesse mudar, não mudaria, não. Está satisfatório.

E: Você prefere (inaudível)

TN3: Exatamente.

E: E o que é um bom currículo?

TN3: É muito variado. A gente tem tradução de ficção, tradução jurídica, tradução técnica, legendagem. Você explora várias áreas. Dá para ter uma noção muito boa do que é cada área de tradução. Isso é muito bom. As várias ramificações.

E: Você acha bom ou ruim ter um grupo de professores com visões antagônicas sobre o que é traduzir?

TN3: É bom porque você ouve os dois lados. Eu não presenciei quando o Professor 3 e a Professora 1 estavam numa mesma aula, dando a mesma aula e um tinha uma visão de um texto e o outro tinha outra. Foi a maior confusão. E isso é bom. Você vê os dois lados. Mas eu não cheguei a ver muito porque eu só tive uma aula teórica, então não cheguei a presenciar. Teórica tipo Teoria da Tradução. Uma aula.

E: Um módulo?

TN3: É. E com um professor só, então...

E: Qual era o papel que você adotava como aluna?

TN3: Eu não gostava de ler texto, tipo: “Ah, tem que ler para a próxima aula”. Detestava fazer isso. Detestava, mas eu gostava de traduzir. Eu sempre fazia os trabalhos que eu tinha que fazer, nunca deixei de entregar, mas quando pediam para eu ler teoria, ficava meio de má vontade. Não sei por quê. Na época, eu não via o valor disso, eu achava que aquilo não servia de nada. Eu achava que a prática mesmo é que ia me levar a algum lugar, mas acho que cada parte tem seu valor.

E: Existe um ator principal no processo de ensino e aprendizagem de tradução ou não? O professor tem mais peso ou é o aluno que faz o curso ou é a interação entre seus colegas ou entre o aluno e o professor? Você acha que tem alguém que acaba tendo mais peso nesse processo?

TN3: É muito complicado. Se você partir do pressuposto que o aluno tem uma boa base de inglês, aí eu acho que seria o professor, mas esse *background* do aluno é imprescindível. Muita gente chegava lá para fazer Tradução, mas não sabia falar inglês direito e eu acho que, dificilmente, num curso de Tradução, você vai aprender o inglês necessário para traduzir. Então, acho que, nesse sentido da língua, o peso é o aluno, mas da parte técnica, aí sim eu acho que o maior peso é do professor.

E: Como era a interação entre os alunos e entre os alunos e o professor?

TN3: Tinha bastante troca em sala de aula. Eu gostava disso porque não era: “Ah, o termo que o professor escolheu é esse, então esse é o correto”. A gente dava sugestões e aí o pessoal: “Acho que esse pode. Esse não pode por causa disso e disso”. Tinha essa troca, mas era mais eles passando mesmo o que eles sabiam da profissão e o que eles tinham vivido na Tradução.

E: Agora que você já está no mercado de trabalho, o que você acha que é necessário que aconteça lá no curso para preparar bem a pessoa para o mercado?

TN3: Foi o que eu disse: eu não mudaria o curso. Eu aproveitei o curso muito bem. Eu uso muito tudo o que eu aprendi lá e eu acho que eu não mudaria muita coisa, não. Acho que, talvez, uma realidade maior para o mercado de trabalho. Tradução técnica é uma das ramificações que melhor paga e, mesmo assim, não é um salário que dê para sustentar uma família. É muita ralação para você conseguir tirar um dinheiro digno.

E: Como você se sentia quando era corrigida?

TN3: Depende, porque têm vezes que o professor não concorda com você, ele explica por quê, mas você não concorda com aquilo que a pessoa está falando. Então, às vezes, eu ficava um pouco indignada. (inaudível) o que você está falando eu não concordo. E aí? Mas, fora isso, eu acho que aprendi bastante com correção, principalmente. Foi o que mais me ensinou mesmo.

E: Você acha que essa discordância reflete o mercado de trabalho na relação cliente-tradutor?

TN3: Nossa! Na relação cliente-tradutor? Com certeza. A gente recebe muita reclamação de cliente com uma listinha de termos: “Vocês traduziram assim e a gente quer que traduza assim.” Por quê? É só preferência mesmo porque não tem diferença nenhuma. Acho que a minha solução ainda é melhor.

TN3: E como é que se resolvia isso na faculdade?

TN3: Da mesma forma que a gente resolve com o cliente: o que o professor quer e o que o cliente quer é o que prevalece.

E: Muito obrigada.

#### TN4

E: Eu queria que você pensasse no seu trajeto, da entrada no curso de Tradução até a saída, sua inserção no mercado de trabalho, tudo relacionado a isso. O que você acha mais importante mencionar? O que vem à sua cabeça que você ache assim: “Isso aqui é uma faceta, uma característica interessante mencionar daqui do curso”.

TN4: Eu acho que o fato do curso ter não só a parte prática. Você já viu o currículo?

E: Sim.

TN4: Você tem várias optativas diferentes e, no final, tem aquela matéria Teorias de Tradução, que é justamente uma parte mais teórica daquilo tudo que você tem visto durante os seus anos de curso. Essa mistura eu acho uma coisa importante para você pensar e refletir sobre o que você anda fazendo.

E: Você acha que isso ajudou a sua inserção no mercado de trabalho? Agora que você já tem essa experiência, isso fez alguma diferença?

TN4: Eu acho que sempre faz, sim. Se você quer trabalhar como tradutor e não, como no seu caso, como pesquisador, é muito importante você ter também essa parte prática. Mas, você pensar sobre o que você faz também é muito importante. Tem essa história de como a Tradução vem andando e também, nessa matéria, a gente estudou o caso da censura nas traduções, como esses grupos modificavam as obras em interesse próprio para passar uma mensagem.

E: Você acha que isso se consegue basicamente na faculdade? Por exemplo, se eu fosse uma tradutora que não tivesse passado por uma graduação em Tradução, eu teria como obter isso?

TN4: Eu acho que acabaria tendo, sim, mas num âmbito diferente porque você refletiria sobre o que você mesmo faz, sobre as suas opções ou o seu progresso, alguma coisa assim. Você não necessariamente teria tudo o que a gente acabou vendo por aqui. Não que seja bom, nem ruim. Cada um tem sua opinião própria, mas acho que você ia refletir mais sobre si mesma.

E: Qual você acha que é o papel do professor nesse processo de aprendizagem?

TN4: É o papel mais de guiar o aluno para o caminho certo.

E: Isso é o que acontece ou é o que você gostaria que acontecesse?

TN4: É o que acontece, sim. É o que acontece porque aqui você tem o Professor 1, que deu para a gente Introdução à Tradução. Eu não sei se ela dá outra matéria porque só consegui pegar essa com ela. Ela dá Teoria, mas eu só tive Introdução com ela. Você tem o Professor 2, que é a parte mais técnica. Se você gosta mais do aspecto técnico, tipo TN3 e TN2, você vai querer ficar mais (inaudível) com ela. Tem o Professor 3, que é mais literário, mais poético. Se você escolhe seguir uma certa área,

vai querer seguir mais aquele professor. Então, ele acaba tendo esse papel de guiar o aluno.

E: E você acha que é esse o papel que ele deve ter mesmo ou sugeriria uma outra abordagem?

TN4: De repente, não só esse, mas como a gente está num espaço de ensino, acaba sendo mais esse.

E: Qual outro ele poderia ter e seria interessante?

TN4: Quando eu fiz o projeto com o Professor 3, não era aquela relação professor e aluno. Eram dois pesquisadores. Claro que ele tinha muito mais experiência, obviamente, mas a gente debatia junto. Então, essa área também gostei, dessa parte.

E: Você gostaria que fosse assim em sala de aula? Mais igualitário?

TN4: Eu não sei se daria para fazer em sala de aula porque era uma coisa que éramos só nós dois, um projeto de pesquisa.

E: É diferente.

TN4: É. Mas eu achei uma coisa legal, sim.

E: E como era a interação entre os alunos em sala de aula? Existia alguma ou não? Como era isso?

TN4: Tinha, mas é difícil pegar um apanhado geral porque a turma ia sempre mudando.

E: Sei. Não foi um grupão do início ao fim.

TN4: Você, às vezes, encontrava alunos em comum dependendo da matéria. Por exemplo, em Tradução para Legendagem, você via aquela sala enorme, todo mundo interessado, todo mundo discutindo, todo mundo querendo saber, mas era um tipo de debate diferente do que a gente tinha em Teorias de Tradução, por exemplo.

E: E você acha que por isso interessava mais?

TN4: Não é que interessava mais. É que interessava de forma diferente, porque nessa aula de Legendagem era um debate sobre a coisa prática. “Por que eu posso usar essa palavra e não essa? Por que o canal exige tal coisa e essa outra coisa?”. Em Teorias, o debate era sobre o que seria o “certo” na tradução. Por que esse grupo resolveu censurar de tal jeito ou por que tal figura histórica resolveu traduzir isso nesse ponto.

E: Sei, mas havia maior discussão na aula de Legendagem? Ficava todo mundo interessado?

TN4: Interessado porque é uma coisa prática. Acho que era uma área que todo mundo gostava. Mas era uma discussão diferente da de Teorias, porque a discussão (inaudível) para aula prática: por que essa palavra cabe mais do que a outra, por que (inaudível) melhor e mais aproximado? E Teorias (inaudível) debate: isso que ele fez é certo ou cabia nesse período? Coisas assim. A gente fez um trabalho em Teorias em que o Professor 2 trouxe várias matérias de jornal, revistas e coisas assim, em relação à Tradução, sobre tradutores, e cada grupo ou cada dupla fazia um trabalho sobre isso. A gente estudava o tradutor, essas coisas. Eu não lembro o nome do meu tradutor, mas era um que traduzia livros do espanhol. Esse tipo de trabalho acho que gerava um debate mais sobre aquilo do (inaudível) tradutor, que é um espaço mais para isso. Você já assistiu alguma aula de tradução?

E: Já.

TN4: Qual você viu?

E: Eu fiz a pós aqui. São as matérias só de Tradução compactadas em um ano e no Mestrado.

TN4: Você assistiu a uma aula da graduação?

E: Da graduação, não.

TN4: Então, você vê os debates sobre se uma forma, uma estrutura, uma sintaxe, vai caber naquele documento, naquele programa, naquilo que fosse. Já em Teorias, é um debate sobre a filosofia da Tradução. Por que o tradutor traduziu daquele jeito ou por que a gente escolhe fazer de tal jeito? Uma base histórica por trás disso. Não é melhor nem pior. É diferente.

E: Você acha que as duas têm um peso igual?

TN4: Acho que têm, sim.

E: E deveria ter?

TN4: Deveria ter, sim. (inaudível) refletir o que você faz.

E: Hoje, quando você está lá trabalhando, legendando, tem alguma coisa que você busca no curso, alguma estratégia que você levou para o mercado de trabalho ou não? Foi uma coisa que você aprendeu fazendo mesmo? O que você acha?

TN4: Não sei se conscientemente, mas, talvez, inconscientemente, sim.

E: Você saberia mencionar alguma coisa?

TN4: (pausa) Eu consigo pensar em coisas menores, bobeirinhas que eu gosto de fazer porque eu acho divertido. Por exemplo, esta semana o Canal 1 vai passar aquele especial do Artista 1. Eu traduzi um documentário que passou ontem, inclusive, aquele Documentário 1. Aí, tem aquela música Música 1. Eu não sei por que eu não gosto da tradução literal. Então, eu quis botar um negócio tipo metricamente original. Essas coisas assim. Essas bobeirinhas.

E: Legal. Você acha que o curso te preparou adequadamente para o mercado de trabalho?

TN4: Preparou.

E: Por quê?

TN4: Eu acho que, não só pelas áreas diferentes que ele proporciona, mas pelos (inaudível) pode trazer de fora também. O Professor 4, da Empresa 1, ele já deu esse curso daqui. Trouxeram, não sei se você conhece, o Professor 5, da área de informática. Trouxeram ele para dar Tradução de Informática alguns semestres. E as matérias também vão variando semestre a semestre. Tem, acho, cinco obrigatórias para fazer. Não tenho certeza do número agora. E você tem que (inaudível) algumas optativas. Você pode fazer quais você quiser.

E: E você achou isso legal?

TN4: Achei isso legal.

E: Personalizar um pouco o curso interessou?

TN4: Sim. Interessou, sim.

E: Se o Departamento de Letras convidasse você, como aluno, para participar na elaboração do curso, na condução do curso, dar opinião mesmo: “Eu gostaria que fosse feito assim. Eu não gostaria que fosse feito assado”, enfim. Você gostaria de participar desse processo?

TN4: Gostaria, sim. Até já teve isso.

E: Você participou?

TN4: Participei.

E: E como foi a experiência?

TN4: Não foi do curso todo. Foi só de Tradução mesmo. Chamaram acho que cinco pessoas. Acho que TN3 foi, com certeza.

E: Eu me lembro dele ter mencionado.

TN4: Eu não sei se TN2 foi. Não lembro, mas TN3 foi. Foi mais para discutir a parte de Tradução e acho que, também, um pouco da parte de Inglês para a gente tentar melhorar o currículo para os próximos anos. Acho que foi mencionado para botar Teorias mais para o início. Em vez de deixar para última, deixar mais para o início. E,

não me lembro bem agora, para aumentar o número de optativas de Tradução. O problema é que, nem sempre, é fácil trazer os professores porque o orçamento é limitado. Mas, aí, botava uma a mais e também mexia na parte de Inglês, porque o curso de Tradução tem aquelas matérias obrigatórias de Inglês, Português e Tradução. Tiraria uma ou duas de Inglês para botar mais de Tradução. Era uma coisa assim.

E: E se isso tivesse sido feito ao longo do curso, não no fim, porque, pelo que eu entendi, vocês fizeram isso como uma avaliação final do curso e os frutos ficaram para quem viria depois. Vocês não se beneficiaram dessa discussão aí.

TN4: Não.

E: Se fosse uma coisa antes, do tipo mensalmente ou semestralmente, não sei, você gostaria também de participar?

TN4: Eu acho que ia ser um pouco difícil de fazer isso porque não tem como a gente saber exatamente como a gente vai querer ou do que a gente vai gostar. De repente, se tivesse no meio do curso (inaudível) chamado para essa reunião para dizer suas opiniões, o que pode mudar.

E: Já com uma certa experiência para poder opinar.

TN4: Isso, mas também não adianta juntar todo mundo de Tradução e todo mundo de Licenciatura para fazer essas coisas. Teria que ser específico também.

E: A quem você atribuiria, se é que tem alguém principal aí, um peso maior nesse processo de aprendizagem de Tradução? Você acha que você mesmo foi o maior responsável ou foi a qualidade dos professores, o *feedback* dos professores, a interação com os outros colegas... Existiria uma pessoa que você diria: “Esse aqui foi chave no processo”? Ou não?

TN4: Eu acho que é mais a interação na sala de aula com outros alunos e com os professores, porque, por exemplo, na Empresa 1, a gente manda um arquivo e, no final, recebe um *feedback* da tradução.

E: Todas que você faz?

TN4: Todas, porque é assim que você pode aprender com os erros. É uma interação também, só que não é como a sala de aula, em que você tem debate em tempo real com seus colegas, seus professores. Então, essa interação eu acho importante, sim, para você crescer.

E: Na sala de aula, todas as aulas tinham essa interação, essa discussão sobre opções e o que cada um fez?

TN4: Não vou dizer toda aula, mas sempre que a gente ia... Deixa eu pensar porque variava muito. Por exemplo, nas aulas do Professor 2 e do Professor 3, você trazia o documento traduzido pronto e, aí, você debatia na aula.

E: Na hora ali.

TN4: É. Mas já, por exemplo, com o Professor 4, a gente fazia na hora mesmo.

E: Entendi.

TN4: Mas sempre que era um debate sobre a sua tradução em si, você tinha essa interação.

E: E você acha isso importante? Deve ser mantido?

TN4: Acho. Deve.

E: Isso reproduz o mercado de trabalho, então, segundo o que você está dizendo.

TN4: Para a minha experiência, sim. Não sei como seria com TN3, por exemplo.

E: No seu caso, sim. O que é necessário para ser um bom tradutor?

TN4: Acho que muita gente vai dizer que é ter conhecimento da língua, língua-meta, língua-fonte, mas eu acho que é ter bom senso, na verdade, não fazer aquelas construções artificiais, pensar como a pessoa falaria isso se fosse aqui, se fosse o caso.

E: Você acha que tem essa habilidade?

TN4: Eu espero que sim.

E: E você acha que foi uma coisa adquirida no curso ou na prática ou é uma coisa que você já tinha?

TN4: Eu acho que você vai vendo isso enquanto vai traduzindo. Eu não sei como eu era antes. Eu não lembro, mas eu acho que na medida em que você vai traduzindo, você vai vendo como você vai mudando.

E: Você ainda precisa desenvolver, na sua opinião, alguma habilidade para traduzir?

TN4: Acho que é sempre bom pensar que ainda tem alguma coisa para você fazer.

E: Você saberia pontuar o quê?

TN4: Como eu trabalho com legenda há muitos anos, na hora de fazer tradução do livro, eu vivia muito pensando em legenda, botando muito “algo” para uma coisa mais formal que deveria ter. Eu acho que, se eu pudesse me desenvolver em outra área, seria bom também.

E: Mas é por uma falta de contato mesmo com uma determinada área.

TN4: É.

E: Quando você era aluno, você acha que empregava alguma estratégia para aprender mais ou aprender melhor?

TN4: Não. Acho que nada específico.

E: Já aconteceu, por exemplo, de você estar na aula, dar uma sugestão de alguma tradução e ser corrigido, o professor não concordar com o que você falou ou outros alunos te criticarem? Chegou a acontecer alguma vez?

TN4: Deve ter acontecido, sim. É comum.

E: Você lembra como você se sentiu?

TN4: O problema não é nem ser criticado, é mais como criticam. E como eu não vi nenhum caso extremo de reclamação nesse sentido, acho que ninguém se importa mais com isso.

E: Você acha que a dinâmica da sala de aula aqui é uma dinâmica em que o aluno não deve questionar e o professor vai dizer como tem que ser feito ou existe interação, existe trabalho de grupo, mas a palavra final é do professor ou você acha que é uma sala de aula completamente democrática, onde todo mundo tem voz e o professor serve mais como um guia? Como você classificaria essa sala de aula daqui do curso, da PUC?

TN4: Eu não sei que palavra eu usaria, mas como a tradução não é uma coisa certa, fechada, cada um acaba tendo a sua opção, e o erro mesmo é só quando você traduz “dog” para “gato”. Uma função sintática um pouco diferente não vai estar errada. A aula acaba sendo assim: “Você pode traduzir desse jeito?” “Pode”. Você pode acabar tendo um jeito melhor do que o professor ou do que outro aluno, mas todas aquelas construções, as opções são individuais.

E: E quem dita o que é melhor, por exemplo?

TN4: Eu acho que acaba mais sendo um debate sobre isso. Às vezes, é uma coisa muito controversa, mas, por exemplo, na aula do Professor 3, que é mais tradução literária, às vezes, você queria fazer uma construção sintática ou usar uma palavra que não caberia (inaudível) naquela época. A gente traduziu um conto do... quem era? Não era do Henry James. Era de uma conhecida dele. Mas era daquela época. Então, às vezes, você usar certo vocábulo não caberia naquela situação. Então, você não pode usar isso porque, naquela época, não se falava assim. Aí, é um erro. Mas, fora isso, você construir de uma forma diferente ou coisa assim acaba sendo, não vou dizer palavra final, mas como o Professor 3 tinha conhecimento, ele acaba sabendo que, naquela época, você não ia poder falar daquele jeito, coisa assim. Mas claro que ele também errava. Obviamente, todo mundo erra.

E: Mas era mais uma função de guia que ele tinha na sala. Em nenhum momento, batia o martelo. Não é assim, pelo que eu estou sentindo.

TN4: Não.

E: Não era tão incisivo.

TN4: Coisa técnica, de repente, eu acho que seria mais incisivo porque é um vocabulário mais fechado.

E: Um termo que, de repente, você não conhece.

TN4: É.

E: E você vê diferença entre um tradutor autodidata e um tradutor que frequentou a universidade, como você frequentou?

TN4: Eu posso usar o exemplo da Empresa 1, então?

E: Pode.

TN4: Porque, lá na Empresa 1, tem muita gente da PUC. Muitos alunos da PUC vão para lá. Mas tem um tradutor que está lá que eu acho que fez outra formação que não Letras, se não me engano. Ele está lá há dez anos. Acho que é o mais antigo de todos. E você vê uma diferença entre ele e os outros tradutores, que são da PUC, por exemplo.

E: Em que sentido? É melhor? É pior?

TN4: (pausa) Não vou dizer se é melhor nem pior porque talvez você conheça. Ele faz sempre programa do Canal 1. Ele nunca trabalhou na área em que se formou mesmo, sempre trabalhou com tradução. Então, você vê as opções dele, coisas assim, você acaba vendo uma diferença.

E: São opções que vocês, que são formados, não fariam?

TN4: Eu não vou dizer que nós nunca faríamos, mas eu acho que tem uma diferença, sim. Ainda mais porque eu acho que a gente também teve a sorte (inaudível), mas a gente teve a matéria com o Professor 4 aqui. Então, a gente entrou sabendo certas coisas. Ele não. Ele entrou, assim, entrando. Mas não vou dizer que é ruim porque o trabalho dele não é ruim. É uma coisa diferente.

E: Você não sabe dizer o que é diferente?

TN4: É porque ano passado, acho que de julho do ano passado até abril desse ano, eu trabalhei como interno na Empresa 1. A minha função, mais ou menos, era tirar dúvidas dos tradutores e resolver problemas no geral. E eu ia para os programas dele e via que tinham vários comentários do leitor, que é a segunda revisão. Tem revisão que você vai vendo com o vídeo e tem revisão que é só o (inaudível). Tem vários comentários que são mais de português mesmo. Então, talvez por ele não ter passado por essa área que a gente passou, de ter visto tanta coisa de português, acaba prejudicando um pouco.

E: Aí, o que você acha que conta mais? A experiência ou é a formação?

TN4: Eu acho que os dois porque tem gente lá, eu não lembro o nome agora, nem sei se está lá ainda, que estudou aqui na PUC, chegou lá, acabou não se encaixando muito e está fazendo outra coisa lá dentro também. E ele é o contrário: ele não estudou aqui, mas está lá já há dez anos, alguma coisa assim.

E: O que te agradou mais no curso?

TN4: Acho que foram as várias áreas diferentes.

E: O contato?

TN4: É. Poder escolher a que você mais se identifique.

E: E alguma coisa que você não tenha gostado que você pontuaria?

TN4: Não é nem do curso em si. Acho que é mais da administração. É que às vezes é difícil você encontrar as optativas.

E: As que interessavam a você?



TN4: Não. Ter optativa mesmo, porque era raro ter. Eu peguei as primeiras que eu consegui pegar, que eram Legendagem, que eu queria fazer mesmo, foi Informática e não me lembro da terceira. Era difícil conseguir optativa por falta de professor mesmo até (inaudível).

E: Você acha bom ou ruim ter um quadro de professores, um corpo docente com visões diferentes, antagônicas, sobre o que é tradução, traduzir?

TN4: É bom justamente porque são áreas diferentes. Não sei se não pode, mas não seria bom aplicar a visão que o Professor 3 tem numa área mais técnica. Acho que não combinaria. (inaudível) ver como é que o Professor 2 faria tal coisa.

E: Então, tá. É isso.